

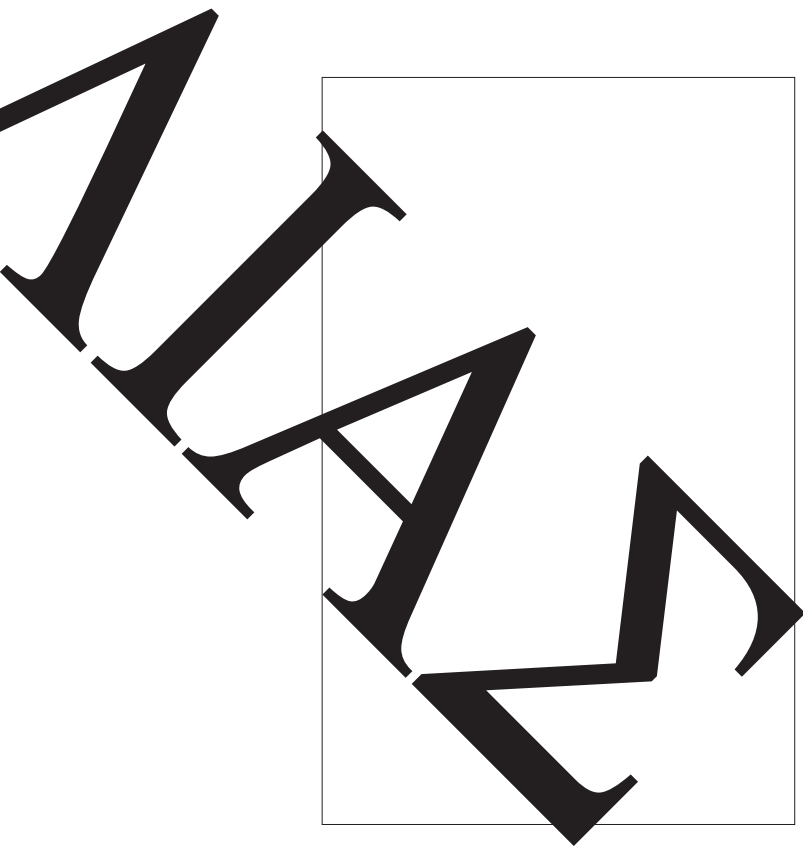


ANTONIO MEDINA RODRIGUES

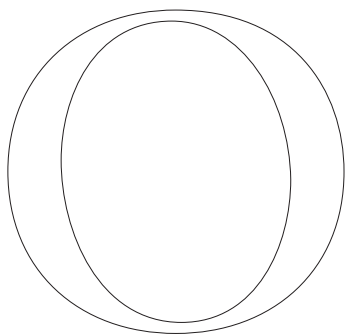
O primeiro livro da

Ilíada

**ANTONIO MEDINA
RODRIGUES** é professor
de Língua e Literatura
Grega do Departamento
de Letras Clássicas e
Vernáculas da FFLCH-USP
e autor de, entre outros,
*Canto do Destino e Outros
Cantos* (Iuminuras).



VATES E VATICÍNIOS



O primeiro livro da *Iliada*, que apresentamos agora¹, é visto como o mais equilibrado da composição dramática desse poema. Seu núcleo, bastante conhecido, centra-se na intensa e persistente “cólera” do herói Aquiles, motivada por uma querela entre ele e Agamenon², e que ao primeiro voluntariamente afastará da guerra em que os troianos se defendiam contra os aqueus. Aquiles bem depois à guerra voltaria, com ódio e violência inauditos, resultantes da morte de seu companheiro Pátroclo em batalha, e em mãos de Heitor, o principal guerreiro dos troianos. Mas, no tempo ocioso que passara em Ftia, retraído de tudo e de todos, nele se acentua a grande resistência a pensar sobre o sentido de seus atos. Sob esse ponto de vista, podemos dizer que sua consciência se consola de si mesma, depois de uma brutal transformação em sua estrutura, e, nesse sentido, há nele também um não-pensar voluntarioso, que lhe dá de

troco e alimento aquela paz de que não quer sair. Quando começou sua cólera? Por certo, no momento em que Agamenon revoltou-se contra Calcas e seu vaticínio. Calcas era o sacerdote a quem Aquiles prometera proteção contra Agamênon que, ao vate, perseguiria se tentasse revelar por que Apolo martirizava o acampamento aqueu com suas matadoras flechas. Há, portanto, uma crise entre os aqueus. Eles estão sendo mortos e, por ironia, sem entrarem na luta. É, pois, a partir desse ponto que se dá a revelação de Calcas, e em que intervém Agamenon com suas ofensas a ele, e vem desse momento a furiosa irritação de Aquiles, que interpela Agamenon e deste obtém palavras também ofensivas.

Porém, como os móveis aí não são apenas emotivos ou comportamentais, há que se lembrar que a cólera de Aquiles em grande parte se deve a certa perda pessoal, no caso, a perda compulsória de Briseida, a jovem que Aquileu mantinha em sua tenda, e que Agamênon para si reivindicou, com a justificativa dita ao próprio Aquiles de que este não soubera dar-lhe tratamento à altura de um rei ou basileu. Porém não foi só isso. O fato é que Agamênon, apoiando-se numa qualquer instituição moral antiga, exigia reparação – não pelas ofensas de Aquiles contra ele – mas pela perda forçada de Criseida, a filha de Crises, o sacerdote de Apolo que viera buscar sua filha no próprio acampamento aqueu, e ofertava por ela raros dons, que estupidamente Agamenon recusaria, tratando muito mal o sacerdote.

Essa pendência Crises/Agamenon foi um pouco anterior à de Agamênon com Aquiles. Anterior inclusive na apresentação narrativa. Os fatos, como se vê, são praticamente homólogos. Agamenon foi obrigado a abrir mão de Criseida, que seria restituída ao pai, e, em última análise, ao próprio deus Apolo, esse deus que guardava Crisa, Cila e, com mão forte, também Tênedos, e cujos votos de sacrifício eram executados por Crises, seu sacerdote. Ao devolver a jovem, Agamenon é forçado pelas mil mortes estranhas no acampamento aqueu, e que Calcas dirá serem efeito da vingança de Apolo, e também uma resposta aos maus-tratos

1 Edição utilizada: Eduard Schwartz (texto); Martin Bertheau (revisão). Darmstadt, Der Tempel-Verlag GmbH., 1956.

2 Por orientação do autor, foram mantidas as variações na grafia de “Agamênon” (N. do E.).

que o sacerdote de Agamênon recebera. Os destemperos deste são das coisas mais fantásticas – e menos resolvidas – de toda a literatura clássica. Afinal, por que um rei cetrado por divinos, a quem puseram estes no comando da tropa, por que tal homem que sabe da importância de Apolo poderia maltratar seu sacerdote, e que então ali chegava para representar o próprio deus, dado que a filha que ele reivindicava era também uma das dádivas de Apolo.

Uma finura de Homero é dar afetividade ao vate buscando a filha: Crises no começo é carinhoso, humilde, sobretudo no pedido feito aos dois átridas, e que ele não deixa de estender também à armada aquéia. Ato contínuo, ele augura aos aqueus um voto de vitória contra a cidadela troiana e pronta volta para o lar em júbilo. Nisso, ele exercita sua credibilidade, e com ela seu poder. Não teve medo de comparecer e pedir, um medo que Calcas teve, quando enfrentou o mesmo Agamenon. Porém, não menos audacioso é ele, que se apresentou sem o chamarem pelo

MAIA



nome, e que sabia do potencial mau ânimo do rei em relação a ele. Não teve, porém, escrúpulo nenhum em envolver Aquiles numa pendência irreversível, que causou parte dessa guerra, com perdas imensas para os aqueus.

Aliás, nem Calcas e nem Crises são meros representantes do deus. Ao contrário, afirmam-se por si mesmos, e têm interesses pessoais. São ambos irritantes, sabem o quanto Agamenon era sensível a toda e qualquer autovalidação que não fosse a dele mesmo. Parte da reação do rei fora coisa de momento, a julgar pela forma despachada com que muda de uma idéia para outra, e resolve, por exemplo, devolver Criseida como que já recuperado com o golpe de perdê-la. Mas o ódio de Agamênon não é só emotivo, dado o grande prejuízo moral que tivera, uma vez que os vates tinham afirmado em público o que afirmaram, e daí ser ele colocado em situações patéticas, com seu poder abertamente desafiado. Nós podemos compulsar boa parte da literatura posterior para testemunhar os mesmos quadros de perdição do poder diante da autoridade

religiosa. O caso mais conhecido é o de Tírsias, não apenas em Sófocles, também no próprio Homero (*Odisséia*, XI).

À diferença de Crises, que mostrara ter poderes sobre o deus, Calcas não pedira apoio divino; contenta-se com a proteção que Aquiles lhe garantiria. Esse poder divino, do lado de quem oficia, é o exercício de uma força *sobre* a divindade, e a forma com que Apolo surge do Olimpo a fim de vingar a humilhação de Crises não deixa a menor dúvida sobre o poder do sacerdote. Não o fez Calcas, talvez por falta de contexto ou de liberdade maior, ou porque Crises já lhe tomara a frente; mesmo assim, ele teve parte essencial na cólera de Aquiles. Também à diferença de Calcas, que não apenas seguira, mas dirigira as curvas naus até Ílio, é Crises, ao contrário, um homem institucional que, como embaixador de Apolo, teve à farta recursos para negociar seus interesses, tal como aconteceu com os dons que tentara deixar com Agamênon, sem ter nenhum sucesso nisso. Crises não é, por fim, *militar* como Calcas. Ele é da sociedade alta. Porém, mais importante que sua figura religiosa, têm os vates potenciais *de fato*, e desnecessário seria imaginar como manobriariam suas mágicas ou milagres, como trabalhariam para animar o chamado “maravilhoso pagão”. O que importa, por conseguinte, não são os próprios meios, mas seus resultados finais. O fato é que os deuses obedecem aos vates, são estes a via para a dramaticidade divina. Há um mal-estar, ou irritabilidade provocada por eles, mas isso, além de atestar seu valor, é fruto de uma tensão cosmológica, que escapa ao entendimento de todos. Aquiles e Agamênon, em todo caso, são vítimas dessa irritabilidade. Eles se enervam, põem-se fora de si mesmos, no momento em que estão deixando de ser sua própria cotidianidade. Em termos amplos, a vocação que têm os vates é a de criar ou resolver problemas como ninguém mais o faria.

Há quem creia que Crises representaria, no conjunto mítico, um princípio de filosofia, mas na mobilização divina que ele desenha é a poesia que sobe ao primeiro plano. Schelling, em *Philosophie der Mythologie*

(1842), entenderá que os dois princípios – o filosófico e o poético – organicamente se assimilam, ou se fundem, de maneira que só no território da análise, quando as categorias se separam, se poderá passar de uma para a outra. Pois são o filosófico e o poético um mesmo e único fenômeno, quando à luz de sua totalidade imediata. A poesia corporifica-se na fulguração, no território natural volátil, ao passo que a filosofia, no caso, nos dá passagens contínuas tanto da gênese como da variação, provisoriamente assimiláveis por um pensamento conceitual ou lógico. Onde vemos rituais e sacerdotes, há filosofia; e onde nós temos formas divinas, deles saídas, será a poesia o que teremos de explicar. Mas não basta dizer que é poesia. Na essência de Calcas, seu trabalho formal e repetido, para não dizer prosaico, há uma finalidade mágica e visível, encontrada quando se passa de um pólo para outro: são os divinos. Mas não são os divinos *feitos* ou de alguma forma



concebidos. São os divinos a fazer-se, a divindade em seu surgir inesperado, como acontece em qualquer presença divinal entre os helenos.

De qualquer forma, em sua intersubjetividade com as vozes divinais, os vates não são épicos. Eles produzem essas vozes, que são as suas – e as outras vozes, divinais, entretecidas com as suas. É dramático o gênero sacerdotal, produz-se na contínua alternância do eu com o tu. Essa alternância, que é também, de certa forma, responsável pelo jogo identidade/diferença entre o poético e o filosófico no mito, essa alternância é também da natureza ela mesma, é sua produção natural (*Tätigkeit*): não é, pois, natureza fixada ou restrita à maneira objetiva, com um sujeito projetado sobre ela. Ao contrário, é o objetivo passando a subjetivo, é este passando para aquele. O centro desse ímã entre dois pólos, a espinha dorsal da imantação é a própria divindade, que ora se esconde, ora se mostra.



Os deuses não nascem dos sacerdotes, mas precisam deles, tanto para ser como para viver. Os sacerdotes também. Poderíamos enquadrá-los numa só classe de seres, e só não podemos chamá-la *casta* por serem mais complexos que a casta, por incluírem misturas e tensões de origem diversificada. O que dissemos de Calcas e Crises se parece bastante com a primeira das castas indianas, a dos brâmanes, cultores dos primeiros hinos védicos, e descendentes dos invasores indo-europeus ou arianos. Mas se parece apenas quando pensamos ou só nos sacerdotes ou só no herói Aquiles. Por certo há uma segunda casta, a dos guerreiros (os *kschatriyas*), que inclui os príncipes, os reis, na qual Aquiles caberia não sem algum desconforto. Porque ele tem algo do vate, que é a condição do acesso aos divinais. Essa condição nele não é completa, embora notável em sua dimensão apolínea, inclusive um profeta vem a ser Aquiles – um profeta da demolição dos aqueus, e que ele exigiu tanto quanto Crises. Ambos em virtude de humilhações pessoais. Mas não podem ser apenas efeitos desse tipo quando – logo se vê – se conjugam e se identificam com o sentimento da revolta apolínea, que não ficava atrás na excitação e no ódio matador. Aquiles é guerreiro? Sim, também é guerreiro. Mas pertence à casta guerreira? Pertence, ao contrário, à casta dos sacerdotes e vaticinadores. Portanto, e dada sua complexidade, aqui não cabe com rigor a idéia inteira de uma casta, inclusive porque Aquiles, tendo dentro de si uma divindade fragorosa, não podia integrar-se em qualquer forma de convenção, e o modo quase hostil como recebe Atena mostra sua contínua busca de si mesmo e sua diversidade irreparável. Aquiles, da natureza eficiente, possui o alto dom da feminilidade, que em termos de mitologia não se confunde com a sexualidade, embora esta seja parte daquela. Feminino é afinal toda potencialidade que chega a seu vir-a-ser por força de uma estimulação generosa, e mesmo circunstancial. Crises conhece a maneira de explorar o potencial de Apolo, para fazê-lo explodir a armada aquéia, assim como Calcas é o que sabe do potencial de Aquiles. Tudo no feminino.



ΙΛΙΑΔΟΣ Α

Μῆνιν ἄειδε, θεά, Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος,
οὐλομένην ἣ μυρί' Ἀχαιοῖσ' ἄλγε' ἔθηκε,
πολλὰς δ' ἰφθίμους ψυχὰς Ἄϊδι προΐαψεν
ἡρώων, αὐτοὺς δὲ ἐλώρια τεῦχε κύνεσσιν
οἰωνοῖσί τε δαῖτα – Διὸς δ' ἐτελείετο βουλή –,
ἔξ οὗ δὴ τὰ πρῶτα διαστήτην ἐρίσαντε
Ἄτρεΐδης τε ἄναξ ἀνδρῶν καὶ δῖος Ἀχιλλεύς.

τίς τ' ἄρ σφωε θεῶν ἕριδι ξυνέηκε μάχεσθαι;
Λητοῦς καὶ Διὸς υἱός. ὃ γὰρ βασιλῆι χολωθείς
νοῦσον ἀνά στρατὸν ἔρσε κακὴν, ὀλέκοντο δὲ λαοί,
οὔνεκα τὸν Χρῦσῆν ἠτίμασεν ἀρητῆρα
Ἄτρεΐδης· ὃ γὰρ ἦλθε θοὰς ἐπὶ νῆας Ἀχαιῶν
λυσόμενός τε θύγατρα φέρων τ' ἀπερείσι' ἄποινα,
στέμματ' ἔχων ἐν χερσὶ ἐκηβόλου Ἀπόλλωνος
χρυσέῳ ἀνά σκῆπτρῳ, καὶ λίσσετο πάντας Ἀχαιοῦς,
Ἄτρεΐδας δὲ μάλιστα δύω, κοσμήτορε λαῶν·

»Ἄτρεΐδαι τε καὶ ἄλλοι εὐκνήμιδες Ἀχαιοί,
ὕμῖν μὲν θεοὶ δοῖεν Ὀλύμπια δώματ' ἔχοντες
ἐκπέρσαι Πριάμοιο πόλιν, εὐ δ' οἴκαδ' ἰκέσθαι·
παῖδα δέ μοι λῦσαί τε φίλην, τὰ δ' ἄποινα δέχεσθαι,
ἄζόμενοι Διὸς υἱὸν ἐκηβόλον Ἀπόλλωνα. «
ἐνθ' ἄλλοι μὲν πάντες ἐπευφήμησαν Ἀχαιοὶ
αἰδεσθαι θ' ἱερῆα καὶ ἀγλαὰ δέχθαι ἄποινα·
ἄλλ' οὐκ Ἄτρεΐδῃ Ἀγαμέμνονι ἀνδανε θυμῷ,
ἀλλὰ κακῶς ἀφίει, κρατερὸν δ' ἐπὶ μῦθον ἔτελλε·

»μή σε, γέρον, κοίλησιν ἐγὼ παρὰ νηυσὶ κιχείω
ἢ νῦν δηθύνοντα ἢ ὕστερον αὖτις ἰόντα·
μή νύ τοι οὐ χραίσμη σκῆπτρον καὶ στέμμα θεοῖο.
τὴν δ' ἐγὼ οὐ λύσω· πρὶν μιν καὶ γῆρας ἔπεισιν
ἡμετέρῳ ἐνὶ οἴκῳ ἐν Ἄργεϊ τηλόθι πάτρης,
ἰστὸν ἐποιχομένην καὶ ἐμὸν λέχος ἀντιώωσαν.
ἄλλ' ἴθι, μή μ' ἐρέθιζε, σαώτερος ὢς κε νέηαι. «

ILÍADA I

De Aquiles o Pelida, ó deusa, canta a cólera
Que a Aqueus fatal torceu com ais sem conta, e ao Hades
Atro almas de heróis bravos jogou, mas seus corpos
De pasto a cães ofereceu e abutres todos.
Pois coisa tal Zeus bem havia deliberado,
Desde o início, quando em rixa se enfrentaram
O Atrida, líder de varões, e o divo Aquiles.
Qual deus entre os demais os levou a baterem-se?
Apolo – o filho de Latona e Zeus, que odiando
Ao rei, má doença põe-lhe à tropa, e povos morrem,
Por ofendido haver o rei a Crises nobre,
Às lestras naus de Aqueus de fato este viera
A filha reaver, prêmios alçando infindos,
E no áureo cetro as faixas do frecheiro Apolo
Às mãos, a todos Aqueus implorou, e mais
Aos dois filhos de Atreu, os líderes de povos:
“Ó vós Atridas, mais Aqueus de finas grevas,
Dêem-vos os donos de lares Olímpios ruir
Tróia Priâmea, e ao lar voltardes, pois, em júbilo.
Mas aceitai-me os dons, livrai-me a cara filha,
Tementes ao filho de Zeus, o Arqueiro Apolo”.
E concordaram todos os demais Aqueus
Que honra se desse ao vate, e os prêmios se acatassem.
Tal não aprouve à alma do Atrida Agamenon,
Que fala rude com o velho, e então repele-o:
“Mais não te veja eu, velho, as ocas naus rondando-me,
Seja agora isso façás, ou vindo depois,
Não mais te salvarão do deus ou cetro ou faixas.
A moça não libero, antes da idade vir-lhe,
No paço de Argos meu, e longe de seu pai,
No meu tear a trabalhar, e a cama armando-me.
Oh não me irrites, pois, e enquanto há tempo, salva-te”.

ὡς ἔφατ', ἔδεισεν δ' ὁ γέρων καὶ πείθετο μύθῳ,
βῆ δ' ἀκέως παρὰ θίνα πολυφλοίσβοιο θαλάσσης.
πολλὰ δ' ἔπειτ' ἀπάνευθε κιῶν ἠρᾶθ' ὁ γεραῖος
'Απόλλωνι ἀνακτι, τὸν ἠύκομος τέκε Λητώ·

»κλυθί μευ, ἀργυρότοξ', ὃς Χρῦσην ἀμφιβέβηκας
Κίλλαν τε ζαθέην Τενέδοιό τε Ἴφι ἀνάσσεις,
Σμινθεῦ, εἴ ποτέ τοι χαρίεντ' ἐπὶ νηὸν ἔρειψα,
ἢ εἰ δὴ ποτέ τοι κατὰ πίονα μηρί' ἔκηα
ταύρων ἢδ' αἰγῶν, τόδε μοι κρήνην ἐέλδωρ·
τείσειαν Δαναοὶ ἐμὰ δάκρυα σοῖσι βέλεσσιν.»

ὡς ἔφατ' εὐχόμενος, τοῦ δὲ κλύε Φοῖβος 'Απόλλων·
βῆ δὲ κατ' Οὐλύμπιοι καρήνων χωόμενος κῆρ,
τόξ' ὤμοισιν ἔχων ἀμφηρεφέα τε φαρέτρην,
ἔκλαγξαν δ' ἄρ' οἰστοὶ ἐπ' ὤμων χωόμενοιο,
αὐτοῦ κινήθέντος, ὃ δ' ἦε νυκτὶ ἐοικώς.
ἔζετ' ἔπειτ' ἀπάνευθε νεῶν, μετὰ δ' ἰὸν ἔηκε,
δεινὴ δὲ κλαγγὴ γένετ' ἀργυρέοιο βιοῖο.
οὐρῆας μὲν πρῶτον ἐπώχετο καὶ κύνας ἀργούς,
αὐτὰρ ἔπειτ' αὐτοῖσι βέλος ἔχεπευκὲς ἐφιείς
βάλλ', αἰεὶ δὲ πυραὶ νεκύων καίοντο θαμειαί.

ἐννήμαρ μὲν ἀνά στρατὸν ὄχετο κῆλα θεοῖο,
τῆ δεκάτῃ δ' ἀγορήνδε καλέσσατο λαὸν 'Αχιλλεύς.
τῷ γὰρ ἐπὶ φρεσὶ θῆκε θεὰ λευκώλενος Ἥρη·
κῆδετο γὰρ Δαναῶν, ὅτι ῥα θνήσκοντας ὀρήτο.
οἱ δ' ἔπει οὖν ἠγερθεν ὀμηγερέες τε γένοντο,
τοῖσι δ' ἀνιστάμενος μετέφη πόδας ὠκὺς 'Αχιλλεύς·

»'Ατρεΐδη, νῦν ἄμμε πάλιν πλαγχθέντας οἶω
ἄψ ἀπονοστήσειν, εἴ κεν θάνατόν γε φύγοιμεν, —
εἰ δὴ ὁμοῦ πόλεμός τε δαμᾶ καὶ λοιμὸς 'Αχαιοῦς.
ἀλλ' ἄγε δὴ τινα μάντιν ἐρείομεν ἢ ἱερῆα
[ἢ καὶ ὄνειροπόλον· καὶ γάρ τ' ὄναρ ἐκ Διός ἐστιν],
ὃς εἶπη ὃ τι τόσσον ἐχώσατο Φοῖβος 'Απόλλων,
εἴ τ' ἄρ' ὃ γ' εὐχολῆς ἐπιμέμφεται ἢδ' ἐκατόμβης.
[αἶ κέν πως ἀρνῶν κνίσσης αἰγῶν τε τελείων
βούλεται ἀντιάσας ἡμῖν ἀπὸ λοιγὸν ἀμῦναι.]«

ἦ τοι ὃ γ' ὡς εἰπὼν κατ' ἄρ' ἔζετο, τοῖσι δ' ἀνέστη
Κάλχας Θεστορίδης, οἰωνοπόλων ὄχ' ἄριστος,

Falou, e curvo à fala, o velho estremeceu,
E à beira do mar plurissoante ele se foi,
Dali se alonga, e então a Apolo Arqueiro evoca,
A quem Letó de coifa bela dera à luz:
“Guardião de Crisa, ó deus do Arco de Prata, escuta-me,
Rei meu, que Cila salvas, e és bastião de Tênedos,
Se um coroadado altar, Esmín-teu, eu te arranjei,
Se pingues vítimas outrora te queimei,
De táureas coxas, cabras, vinga este meu voto,
Paguem os Dânaos com tuas flechas minhas lágrimas”,
Orou destarte, e logo o escuta Febo Apolo,
Que de alma irada Olímpios cumes descendeu,
O arco aos ombros leva e a lacrada aljava,
Na espalda lhe tilintam, dele irado, as flechas
Do se moverem, e à noite se assemelhava.
Das naus não longe ele parou, mandou seu dardo
E do arco sai de prata um som que já perfura,
Antes de tudo, mulas, e velozes cães,
Depois nos homens mira a flecha viperina,
E fere-os, e de cadáveres se enchem piras.
Matam flechas do deus na armada nove dias,
E ao décimo, porém, chama Aquileu seus pares,
Idéia que Hera de alvos braços lhe incutira,
Por sofrer deles, vendo à morte os caros Dânaos.
Depois que arautos convocados se ajuntaram,
Ergueu-se então Aquiles, de ágeis pés, falou-lhes:
“Atrida, acho que assim voltas estamos dando,
E, aliás, atrás, se é o caso de à morte fugirmos,
Pois de outra forma igual nos matam guerra e peste.
Que um adivinho, pois, ou vate agora ouçais,
Ou o onirista – até o sonhar de Zeus provém –,
Que vai dizer-nos por que há ira em Febo Apolo.
Por votos, quiçá, clame, ou talvez hecatombes.
Ou fumo de carneiro, ou de leiteiras cabras,
E grato então assim com isto a nós livre da peste”,
Disse ele, e se assentou, e levantou-se Calcas,
Testórides, que sabe ler a todas coisas,

ὄς ἤδη τά τ' ἐόντα τά τ' ἐσσόμενα πρό τ' ἐόντα,
καὶ νήεσσ' ἠγήσατ' Ἀχαιῶν Ἴλιον εἴσω
ἦν διὰ μαντοσύνην, τήν οἱ πόρε Φοῖβος Ἀπόλλων·
ὁ σφιν ἐὺ φρονέων ἀγορήσατο καὶ μετέειπεν·

»ὦ Ἀχιλεῦ, κέλεαί με, δίφιλε, μυθήσασθαι
μῆνιν Ἀπόλλωνος ἑκατηβελέταο ἀνακτος.
τοιγὰρ ἐγὼ ἐρέω, σὺ δὲ σύνθεο καὶ μοι ὄμοσον
ἧ μὲν μοι πρόφρων ἔπεσιν καὶ χερσὶν ἀρήξει.
ἧ γὰρ οἴομαι ἄνδρα χολωσέμεν ὃς μέγα πάντων
Ἀργεῖων κρατέει καὶ οἱ πείθονται Ἀχαιοί.
κρείστων γὰρ βασιλεύς, ὅτε χώσεται ἀνδρὶ χέρει.
εἷ περ γὰρ τε χόλον γε καὶ αὐτῆμαρ καταπέψει,
ἀλλὰ τε καὶ μετόπισθεν ἔχει κότον, ὄφρα τελέσσει,
ἐν στήθεσσι ἐοῖσι. σὺ δὲ φράσαι, εἷ με σαώσεις.»

τὸν δ' ἀπαμειβόμενος προσέφη πόδας ὠκὺς Ἀχιλλεύς·
»θαρήσας μάλα εἶπε θεοπρόπιον ὃ τι οἴσθα.
οὐ μὰ γὰρ Ἀπόλλωνα, δίφιλε, ᾧ τε σύ, Κάλχαν,
εὐχόμενος Δαναοῖσι θεοπροπίας ἀναφαίνεις,
οὐ τις ἐμεῦ ζῶντος καὶ ἐπὶ χθονὶ δερκομένοιο
σοὶ κοίλης παρὰ νηυσὶ βαρείας χεῖρας ἐποίσει
συμπάντων Δαναῶν, οὐδ' ἦν Ἀγαμέμνονα εἴπησ,
ὃς νῦν πολλὸν ἄριστος Ἀχαιῶν εὐχεται εἶναι.»

καὶ τότε δὴ θάρσησε καὶ ἠὔδα μάντις ἀμύμων·
οὐ τ' ἄρ' ὃ γ' εὐχολῆς ἐπιμέμφεται οὐδ' ἑκατόμβης,
ἀλλ' ἔνεκ' ἀρητῆρος, ὃν ἠτίμησ' Ἀγαμέμνων
οὐδ' ἀπέλυσε θύγατρα καὶ οὐκ ἀπεδέξατ' ἄποινα,
τοῦνεκ' ἄρ' ἄλγε' ἔδωκε ἐκηβόλος ἠδ' ἔτι δώσει,
οὐδ' ὃ γε πρὶν λοιμοῖο βαρείας χεῖρας ἀφέξει,
πρὶν γ' ἀπὸ πατρὶ φίλῳ δόμεναι ἐλικώπιδα κούρην
ἀπριάτην ἀνάποινον ἄγειν θ' ἱερὴν ἑκατόμβην
ἐς Χρῦσην· τότε κέν μιν ἱλασσάμενοι πεπίθοιμεν.»

ἦ τοι ὃ γ' ὣς εἰπὼν κατ' ἄρ' ἔζετο, τοῖσι δ' ἀνέστη
ἦρως Ἀτρεΐδης εὐρὺ κρείων Ἀγαμέμνων,
ἀχνύμενος, μένεος δὲ μέγα φρένες ἀμφὶ μέλαινα
πίμπλαντ', ὅσσε δέ οἱ πυρὶ λαμπετόωντι εἴκητην.
Κάλχαντα πρῶτιστα κάκ' ὀσσόμενος προσέειπε·

»μάντι κακῶν, οὐ πῶ ποτέ μοι τὸ κρήγυρον εἶπας.

Seja as do sido, ou sendo, ou as do vir a ser.
Foi nosso guia ao conduzir as naus aqui,
Pois que lhe dera Apolo um mágico talento,
Sensato, pois, falou e disse então Testórides:
“Filho de Zeus, ó Aquiles, queres que eu explique
A cólera de Apolo, o deus que flecha longe?
Direi se me jurares e me prometeres
Que, atento, com tuas mãos e falas me proteges,
Um homem vou irar que entre os Argeus, eu sei,
É o sumo, e em quem têm confiança os Aqueus todos.
Mais bravo é um rei quando persegue um homem fraco.
Sua ira longa oculta e astuto a retempera,
E até bem tarde ele a preserva, até que estourar
Em suas maquinações, diz se me vais salvar”.
E de resposta disse Aquiles de pés breves:
“Diz o segredo que tu sabes, tem coragem,
E, por Apolo caro a Zeus, a quem, ó Calcas,
Mistérios revelaste em oração aos Dânaos,
Ninguém enquanto eu viva, e à terra os olhos abra
Entre todos os Dânaos vai meter-te as mãos
Junto das ocas naus, inda Agamênon digas,
Que entre os Aqueus se arroga ser o maioral”.
Por fim, se recobrando, sem pechas falou:
“O deus por votos não anseia, ou hecatombes,
Mas pelo vate sim, que o Atrida há repulsado,
Ao lhe enjeitar os dons, mas lhe tirando a filha.
Daí que as dores o Frecheiro deu, e dará,
Dânaos não livrará antes disso, dessa peste,
Antes sem mancha e sem negócio ele devolva,
A jovem de olhar vivo, mais uma hecatombe
Em Crisa. E só com isso iremos convencê-Lo”,
Falou, e se assentou, então se lhes levanta
O herói Atrida amplo mandão Agamenon,
Indignado, irrigam-no com ódio escuro
As fúrias a faiscar em suas hirtas pupilas.
Antes de todos outros, olha a Calcas, e diz-lhe:
“Jamais, vate da peste, um bem tu me previste.

αἰεὶ τοι τὰ κάκ' ἐστὶ φίλα φρεσὶ μαντεύεσθαι,
 ἐσθλὸν δ' οὔτε τί πω εἶπας ἔπος οὔτε τέλεσσας.
 καὶ νῦν ἐν Δαναοῖσι θεοπροπέων ἀγορεύεις,
 ὡς δὴ τοῦδ' ἔνεκά σφι ἐκηβόλος ἄλγεα τεύχει,
 οὔνεκ' ἐγὼ κούρης Χρυσηίδος ἀγλά' ἄποινα
 οὐκ ἔθελον δέξασθαι. ἐπεὶ πολὺ βούλομαι αὐτὴν
 οἴκοι ἔχειν· καὶ γάρ ῥα Κλυταιμῆστρης προβέβουλα
 κουριδίης ἀλόχου, ἐπεὶ οὐ ἔθην ἐστὶ χερεῖων,
 οὐ δέμας οὐδὲ φυὴν οὔτ' ἄρ φρένας οὔτε τι ἔργα.
 ἀλλὰ καὶ ὡς ἐθέλω δόμεναι πάλιν, εἰ τό γ' ἄμεινον·
 βούλομ' ἐγὼ λαὸν σόον ἔμμεναι ἢ ἀπολέσθαι.
 αὐτὰρ ἐμοὶ γέρας αὐτίχ' ἐτοιμάσατ', ὄφρα μὴ οἶος
 Ἄργεῖων ἀγέραςτος ἔω, ἐπεὶ οὐδὲ ἔοικε.
 λεύσσετε γὰρ τό γε πάντες ὃ μοι γέρας ἔρχεται ἄλλη. «
 τὸν δ' ἡμείβετ' ἔπειτα ποδάρκης δῖος Ἀχιλλεύς·
 » Ἄτρεΐδῃ κύδιστε, φιλοκτεανώτατε πάντων,
 πῶς γὰρ τοι δώσουσι γέρας μεγάθυμοι Ἀχαιοὶ
 οὐδέ τί που ἴδμεν ξυνήια κείμενα πολλά;
 ἀλλὰ τὰ μὲν πολίων ἐξεπράθομεν, τὰ δέδασται,
 λαοὺς δ' οὐκ ἐπέοικε παλίλλογα ταῦτ' ἐπαγείρειν.
 ἀλλὰ σὺ μὲν νῦν τήνδε θεῶ πρόες, αὐτὰρ Ἀχαιοὶ
 τριπλῆ τετραπλῆ τ' ἀποτείσομεν, αἶ κέ ποθι Ζεὺς
 δῶσι πόλιν Τροίην εὐτείχεον ἐξάλαπάξαι. «
 τὸν δ' ἀπαμειβόμενος προσέφη κρείων Ἀγαμέμνων·
 » μὴ δὴ οὕτως, ἀγαθὸς περ ἑὼν, θεοεἰκελ' Ἀχιλλεῦ,
 κλέπτε νόφ, ἐπεὶ οὐ παρελεύσεαι οὐδέ με πείσεις.
 ἢ ἐθέλεις, ὄφρ' αὐτὸς ἔχῃς γέρας, αὐτὰρ ἐμ' αὐτῶς
 ἦσθαι δευόμενον, κέλεαι δέ με τήνδ' ἀποδοῦναι;
 ἀλλ' εἰ μὲν δώσουσι γέρας μεγάθυμοι Ἀχαιοί,
 ἄρσαντες κατὰ θυμὸν ὅπως ἀντάξιον ἔσται·
 εἰ δέ κε μὴ δώωσιν, ἐγὼ δέ κεν αὐτὸς ἔλωμαι,
 ἢ τεδὸν ἢ Αἴαντος ἰὼν γέρας ἢ Ὀδυσῆος
 [ἄξω ἑλών· ὃ δέ κεν κεχολώσεται, ὄν κεν ἴκωμαι.]
 ἀλλ' ἢ τοι μὲν ταῦτα μεταφρασόμεσθα καὶ αὖτις,
 νῦν δ' ἄγε νῆα μέλαιναν ἐρύσσομεν εἰς ἄλλα δῖαν,
 ἐς δ' ἐρέτας ἐπιτηδὲς ἀγείρομεν, ἐς δ' ἐκατόμβην
 [θείομεν, ἂν δ' αὐτὴν Χρυσηίδα καλλιπάρηον]

E decifrar maldades é teu prazer sumo.
Não atas nem desatas com tua fala idiota,
E ora teu vaticínio aos Dânaos alardeia
Que o mal que o Frechador vem disso mesmo,
O haver por ela eu enjeitado os raros dons,
Sem dúvida, porque a quero em minha casa,
E mais que a Clitemnestra, enfim, a considero,
Esposa minha, e que não é melhor do que ela,
Seja no corpo, ou na figura, na alma ou óperas.
Mas, se é destino, que assim seja, eu a devolvo.
O povo quero eu salvo, e não beirando a morte.
Um dom, porém, já me arranjai, que eu só não fique
Desdoadado entre os Argeus, que tal não tem sentido!
Meu dom – olhai todos! – ficou sem paradeiro!”.
Então divo Aquileu de fortes pés falou-lhe:
“Glorioso Atrida, e mais que todos ganancioso!
De onde é que te vão dar um dom Aqueus geniais,
Se bens sem conta expostos em comum não vemos?
O que das vilas se tirou foi partilhado.
Reuni-los novamente não agrada aos povos,
Ao deus de volta a moça mandes, pois Aqueus
Três, quatro vezes vão-te dar, se o Pai nos der
Tróia arrasar a cidadela de bons muros”.
E o forte Agamenon, a responder, lhe disse:
“Assim, divo Aquileu, ainda que lindo, à idéia
Não te eximas, pois não me iludes nem me escapas.
Enquanto guardas o teu dom, queres que eu fique
Só qual credor, e pedes que eu devolva a bela?
Se um brinde, enfim, me derem os Aqueus magnânimos,
Um brinde à minha altura, justiça haverá.
Porém, se não me dão, vou confiscar então
O teu, ou o de Ájax tomar, ou de Odisseu
Eu pego e levo, e vai doer onde eu chegar.
Mas tal assunto deixe-se agora de lado.
Eia, no mar vamos nau negra pôr agora,
Lá os bons de remo lá reunamos, e hecatombe,
E a que tem as belas faces embarquemos.

βήσομεν, εἷς δέ τις ἀρχὸς ἀνὴρ βουλευφόρος ἔστω,
ἢ Αἴας ἢ Ἴδομενεὺς ἢ δῖος Ὀδυσσεὺς
ἢ σὺ, Πηλεΐδη, πάντων ἐκπαγλότατ' ἀνδρῶν,
ᾧ φρ' ἡμῖν ἐκάεργον ἰλάσσειαι ἱερὰ ῥέξας.»

τὸν δ' ἄρ' ὑπόδρα ἰδὼν προσέφη πόδας ὠκύς Ἀχιλλεύς·
»ὦ μοι, ἀναιδείην ἐπειμήμενε, κερδαλεόφρον,
πῶς τίς τοι πρόφρων ἔπεσιν πείθηται Ἀχαιῶν
ἢ ὁδὸν ἐλθέμεναι ἢ ἀνδράσι ἴφι μάχεσθαι;
οὐ γὰρ ἐγὼ Τρώων ἔνεκ' ἤλυθον αἰχμητῶν
δεῦρο μαχησόμενος, ἐπεὶ οὐ τί μοι αἴτιοί εἰσιν.
οὐ γὰρ πῶ ποτ' ἐμάς βοῦς ἤλασαν οὐδὲ μὲν ἵππους,
οὐδέ ποτ' ἐν Φθίῃ ἐριβόλακι βωτιανείρῃ
καρπὸν ἐδηλήσαντ', ἐπεὶ ἦ μάλα πολλὰ μεταξὺ,
οὐρέα τε σκιόεντα θάλασσά τε ἠχήμεσσα·
ἀλλὰ σοί, ὦ μέγ' ἀναιδές, ἅμ' ἐσπόμεθ', ὄφρα σὺ χαίρης,
τιμὴν ἀρνύμενοι Μενελάω σοί τε, κυνῶπα,
πρὸς Τρώων· τῶν οὐ τι μετατρέπη οὐδ' ἀλεγίζεις,
καὶ δὴ μοι γέρας αὐτὸς ἀφαιρήσεσθαι ἀπειλεῖς,
ᾧ ἔπι πολλὰ μόγησα, δόσαν δέ μοι υἷες Ἀχαιῶν.
οὐ μὲν σοί ποτε ἴσον ἔχω γέρας, ὅππότε' Ἀχαιοὶ
Τρώων ἐκπέρσουσ' ἐὺ ναιόμενον πτολίεθρον,
ἀλλὰ τὸ μὲν πλεῖον πολυάικος πολέμοιο
χεῖρες ἐμαὶ διέπουσ', ἀτὰρ ἦν ποτε δασμὸς ἴκηται,
σοὶ τὸ γέρας πολὺ μεῖζον, ἐγὼ δ' ὀλίγον τε φίλον τε
ἔρχομ' ἔχων ἐπὶ νῆας, ἐπεὶ κε κάμω πολεμίζων.
νῦν δ' εἶμι Φθίηνδ', ἐπεὶ ἦ πολὺ φέρτερόν ἐστιν
οἴκαδ' ἵμεν, σὺν νηυσὶ κορωνίσιν, οὐδέ σ' οἶω
ἐνθάδ' ἄτιμος ἐὼν ἄφενος καὶ πλοῦτον ἀφύξειν.»

τὸν δ' ἡμείβετ' ἔπειτα ἀναξ ἀνδρῶν Ἀγαμέμνων·
»φεῦγε μάλ' εἴ τοι θυμὸς ἐπέσσυται, οὐδέ σ' ἐγὼ γε
λίσσομαι εἴνεκ' ἐμεῖο μένειν. παρ' ἐμοί γε καὶ ἄλλοι,
οἳ κέ με τιμήσουσι, μάλιστα δὲ μητίετα Ζεὺς,
ἔχθιστος δέ μοι ἐσσι διοτρεφῶν βασιλῆων.
[αἰεὶ γάρ τοι ἔρις τε φίλη πόλεμοί τε μάχαι τε.
εἰ μάλα καρτερός ἐσσι, θεὸς που σοὶ τό γ' ἔδωκεν.]
οἴκαδ' ἰὼν σὺν νηυσὶ τε σῆς καὶ σοῖσ' ἐτάροισι
Μυρμιδόνεσσι ἀνασσε, σέθεν δ' ἐγὼ οὐκ ἀλεγίζω

Um homem deliberador que seja o guia,
Divo Odisseu talvez, Idomeneu, Ajax,
Ou tu Pelida, entre os varões o incomparável,
E Apolo por santas ações enfim persuadas”.

E olhando-o mal, disse-lhe Aquiles de pés breves:
“Ó papa-prendas, que alma sem qualquer pudor,
Como um sensato Aqueu se fia em tua palavra,
Entre caminhos de homens com brio e vigor?
Não vim lutar aqui por causa dos hostis
Troianos: devedores meus não foram nunca
A mão jamais puseram nos meus bois, corcéis,
De Ftia, fértil de varões, nas searas minhas
Não buliram, que daqui a ali o caminho é longo,
Tem vagas fragorosas, e montanhas altas.
Ió, ó estupor, nós te seguimos afim gozes,
A honrar a teu irmão, e a ti, cara de cão!
Nem te perturbas pelas lutas contra os Ílios,
Com quem não te preocupas e a quem não respeitas,
Porque cobiças na verdade é arrebataram-me
Os dons que Aqueus me deram, para honrar-me os suores,
Não há outros dons iguais aos teus, quando os Aqueus
Tróicas cidades aniquilam bem povoadas.
Porém, da augusta guerra e seus botins o máximo
Destes meus braços é que vem, e se há partilha,
Tua parte é sem igual, de minha parte eu pouco
Às minhas naus carrego, após tanto lutar.
Agora mesmo volto a Ftia, é bem melhor
Ir para casa em curvas naus sem nem um pouco
Aqui permanecer sem brilho, a encher-te a pança!”.

E lhe responde o chefe de homens Agamênon:
“Foge daqui, se a alma te rói nem vou pedir
Que só por mim aqui tu fiques. Tenho meus outros,
Que as honras me darão, Zeus sapiente ao máximo.
Dos divos basileus és quem mais abomino,
Só lutas vives a buscar, combates, guerras.
E se és forte demais, um deus te fez capaz!
Com as tuas naus e amigos teus volta a teu lar,
Manda nos Mirmidões, penar por ti não vou!

οὐδ' ὄθομαι κοτέοντος, ἀπειλήσω δέ τοι ὦδε·
ὡς ἔμ' ἀφαιρεῖται Χρυσήϊδα Φοῖβος Ἀπόλλων,
τὴν μὲν ἐγὼ σὺν νηὶ τ' ἐμῇ καὶ ἐμοῖσ' ἐτάροισι
πέμψω, ἐγὼ δέ κ' ἄγω Βρισηίδα καλλιπάρηον
αὐτὸς ἰὼν κλισίηνδε, τὸ σὸν γέρας, ὄφρ' εὐ εἶδεις,
ὅσπον φέρτερός εἰμι σέθεν, στυγέη δὲ καὶ ἄλλος
ἴσον ἐμοὶ φάσθαι καὶ ὁμοιωθήμεναι ἄντην.»

ὡς φάτο, Πηλεΐωνι δ' ἄχος γένετ', ἐν δέ οἱ ἦτορ
στήθεσσι λασίοισι διάνδιχα μερμήριξεν,
ἣ ὄ γε φάσγανον ὄξυ ἐρυσσάμενος παρὰ μηροῦ
τοὺς μὲν ἀναστήσειεν, ὃ δ' Ἀτρεΐδην ἐναρίζοι,
[ἦε χόλον παύσειεν ἐρητύσειέ τε θυμόν].
ἦος δ' ταῦθ' ὥρμαινε κατὰ φρένα καὶ κατὰ θυμόν,
ἔλκετο δ' ἐκ κολοοῖο μέγα ξίφος, ἦλθε δ' Ἀθήνη
[οὐρανόθεν· πρὸ γὰρ ἦκε θεὰ λευκώλενος Ἥρη,
ἄμφω ὁμῶς θυμῷ φιλέουσα τε κηδομένη τε],
στῆ δ' ὀπιθεν, ξανθῆς δὲ κόμης ἔλε Πηλεΐωνα,
οἷω φαινομένη, τῶν δ' ἄλλων οὐ τις ὀρῆτο.
θάμβησεν δ' Ἀχιλεὺς, μετὰ δὲ τράπετ', αὐτίκα δ' ἔγνω
Παλλάδ' Ἀθηναίην, δεινῶ δέ οἱ ὅσσε φάνηθεν.
καὶ μιν φωνήσας ἔπεα πτερόεντα προσηύδα·

»τίπτ' αὐτ', αἰγιόχοιο Διὸς τέκος, εἰλήλουθας;
ἦ ἵνα ὕβριν ἴδῃ Ἀγαμέμνωνος Ἀτρεΐδαο;
ἀλλ' ἐκ τοι ἐρέω, τὸ δὲ καὶ τελέεσθαι οἶω·
ἦσ' ὑπεροπλήσι τάχ' ἂν ποτε θυμόν ὀλέσσει.»

τὸν δ' αὖτε προσέειπε θεὰ γλαυκῶπις Ἀθήνη·
»ἦλθον ἐγὼ παύσουσα τεὸν μένος, αἶ κε πίθαι,
οὐρανόθεν· πρὸ δέ μ' ἦκε θεὰ λευκώλενος Ἥρη,
ἄμφω ὁμῶς θυμῷ φιλέουσα τε κηδομένη τε.
ἀλλ' ἄγε, λῆγ' ἐριδος, μηδὲ ξίφος ἔλκεο χειρὶ,
ἀλλ' ἦ τοι ἔπεσιν μὲν ὀνειδισον, ὡς ἔσεται περ.
ὦδε γὰρ ἐξερέω, τὸ δὲ καὶ τετελεσμένον ἔσται·
καὶ ποτέ τοι τρεῖς τόσσα παρέσσειται ἀγλαὰ δῶρα
ὑβριος εἵνεκα τῆσδε, σὺ δ' ἴσχεο, πείθεο δ' ἡμῖν.»

τὴν δ' ἀπαμειβόμενος προσέφη πόδας ὠκὺς Ἀχιλλεύς·
»χρῆ μὲν σφωίτερόν γε, θεά, ἔπος εἰρύσασθαι
καὶ μάλα περ θυμῷ κεχολωμένον· ὡς γὰρ ἄμεινον.

Não ligo se tu estás irado, e ainda ameaço:
Se Febo Apolo vai Criseida me tomar,
Com nau e amigos meus vou devolvê-la, e minha,
Porém, terei Briseida, pois, que é tua prenda, e vou
Até tua tenda, e, que, por fim, aprendas:
Mais forte eu sou do que és, e perde quem quiser
Igual falar comigo e a mim se equivaler”.

E fala, e no Pelida nasce a mágoa, e ao seu peito
Aveludado se transtorna em duplas ânsias:
Se os dispersando, tira à cinta a aguda espada,
Para fundo embebê-la no corpo do Atrida,
Ou o ódio a suplantar, sua alma suavizava.
Enquanto na alma e nos sentidos ele agita-se,
E já sacando o gládio, Atena splende Olímpia,
Pois que a mandara a deusa bracinívea Hera,
Por se condoer dos dois heróis, de quem gostava.
E às costas dele pára, a coma loira pega-lhe,
Só ele, aliás, a via – e nenhum dos demais.
Tremeu, voltou-se para vê-la, e viu enfim
Palas Atena, os magos olhos a alumbrá-lo.
E aladas falas a dizer-lhe por fim disse:
“Filha de Zeus Egífero, vens afinal
Testemunhar excessos do Atrida Agamenon?
Eu te esconder não vou o que espero aconteça:
Por erros tais que a morte lhe receba breve”.

E a de olhos glaucos diva Atena lhe profere:
“Escuta-me, se aceitas, vim cessar tua fúria.
Do céu Hera expediu-me, a diva de alvos braços,
Ela condói-se de ambos, muito estima os dois:
Do gládio tira a mão, do peito a tua raiva.
Com falas, se quiseres, tu podes xingá-lo,
Pois do que vai haver logo te dou aval:
Três vezes mais tudo receberás de prendas,
Em paga desta ofensa, e em nós repõe tua crença”.

E ao responder lhe diz o herói de pés velozes:
“Importa entre os divinos, deusa, algo jurar,
Que mesmo doendo na alma, será a solução.

ὅς κε θεοῖσ' ἐπιπείθεται, μάλα τ' ἔκλυον αὐτοῦ. «

ἦ καὶ ἐπ' ἀργυρῆ κώπη σχέθε χεῖρα βαρεῖαν,
ἄψ δ' ἐς κουλεὸν ὧσε μέγα ξίφος οὐδ' ἀπίθησε
μύθῳ Ἀθηναίης, ἣ δ' Οὐλυμπόνδε βεβήκει
δῶματ' ἐς αἰγιόχοιο Διὸς μετὰ δαίμονας ἄλλους.

Πηλεΐδης δ' ἐξαῦτις ἀταρτηροῖσι ἔπεσσι
Ἄτρεΐδην προσέειπε καὶ οὐ πῶ λῆγε χόλοιο·

»οἴνοβαρές, κυνὸς ὄμματ' ἔχων, κραδίην δ' ἐλάφοιο,
οὔτε ποτ' ἐς πόλεμον ἅμα λαῶ θωρηχθῆναι
οὔτε λόχονδ' ἰέναι σὺν ἀριστήεσσιν Ἀχαιῶν
τέτληκας θυμῶ, τὸ δέ τοι κῆρ εἶδεται εἶναι.

ἦ πολὺ λωῖὸν ἐστί κατὰ στρατὸν εὐρὺν Ἀχαιῶν
δῶρ' ἀποαιρεῖσθαι, ὅς τις σέθεν ἀντίον εἶπη.

δημοβόρος βασιλεύς, ἐπεὶ οὐτιδανοῖσι ἀνάσσεις·

ἦ γὰρ ἄν, Ἄτρεΐδη, νῦν ὕστατα λωβήσαιο.

ἄλλ' ἐκ τοι ἐρέω καὶ ἐπὶ μέγαν ὄρκον ὁμοῦμαι·

ναὶ μὰ τόδε σκῆπτρον, τὸ μὲν οὐ ποτε φύλλα καὶ ὄζους
φύσει, ἐπεὶ δὴ πρῶτα τομῆν ἐν ὄρεσσι λέλοιπεν,

οὐδ' ἀναθηγήσει· περὶ γὰρ ῥά ἐ χαλκὸς ἔλεψε

φύλλα τε καὶ φλοιόν, νῦν αὐτέ μιν υἴες Ἀχαιῶν

ἐν παλάμῃσι φορέουσι δικασπόλοι, οἳ τε θέμιστας

πρὸς Διὸς εἰρύαται· ὃ δέ τοι μέγας ἔσσεται ὄρκος·

ἦ ποτ' Ἀχιλλῆος ποθὴ ἴξεται υἴας Ἀχαιῶν

σύμπαντας· τότε δ' οὐ τι δυνήσεται ἀχνύμενός περ

χραιομεῖν, εὔτ' ἄν πολλοὶ ὑφ' Ἐκτορος ἀνδροφόνοιο

θνήσκοντες πίπτωσι, σύ δ' ἐνδοθι θυμὸν ἀμύξεις

[χωόμενος ὃ τ' ἄριστον Ἀχαιῶν οὐδὲν ἔτισας]. «

ὧς φάτο Πηλεΐδης, ποτὶ δὲ σκῆπτρον βάλε γαίῃ

χρυσείοισ' ἥλοισι πεπαρμένον, ἔζετο δ' αὐτός,

Ἄτρεΐδης δ' ἐτέρωθεν ἐμήνιε. τοῖσι δὲ Νέστωρ

ἠδυεπῆς ἀνόρουσε, λιγὺς Πυλίων ἀγορητῆς,

τοῦ καὶ ἀπὸ γλώσσης μέλιτος γλυκίων ῥέεν αὐδῆ·

τῶ δ' ἤδη δύο μὲν γενεαὶ μερόπων ἀνθρώπων

ἐφθίαθ', οἳ οἱ πρόσθεν ἅμα τράφον ἠδὲ γέγοντο

ἐν Πύλῳ ἠγαθέη, μετὰ δὲ τριτάτοισι ἀνασσαν.

ὃ σφιν ἐὺ φρονέων ἀγορήσατο καὶ μετέειπεν·

»ὦ πόποι, ἦ μέγα πένθος Ἀχαιίδα γαῖαν ἰκάνει.

Ouvirmos os divinos é sermos ouvidos”.

Disse, e lhe cai da cinta a argêntea mão pesada,
E o gládio grande à cinta pôs, nem respondeu
À voz de Atena, que, com demais deuses, foi-se
Aos cimos Olímpiais do egífero Cronida.
Com gritos bravos o Pelida uma vez mais
Fala ao Atrida sem seu ódio sofrerar:
“Borra de vinho, olho de cão, e ao peito um veado!
À guerra nunca a te bateres com o povo,
E às armadilhas ir com Aqueus espertos
Nunca tu ousaste, que isto é morte para ti.
Melhor te quadra na ampla esquadra dos Aqueus
Os dons surripiar de quem de ti discorde.
Ó rei-papão de povos, a ninguém governas!
E a prova do que eu digo é que tu segues vivo!
Porém põe na memória o que te falo agora:
Por este cetro, não crescido mais de cepa
Ou folha, *desque* aos montes seu caule deixou,
E onde não cresce a flor, pois faça ênea o limpa
De folha e escória, e que os Aqueus agora ainda
Erguem nas santas mãos – porque há, por fim, as leis
Que a Zeus honoram – santo será meu jurar:
Fará falta Aquileu, um dia, aos Aqueus todos,
E ainda sofras, nada poderás fazer-lhes
De útil, se sob Heitor mata-varões inúmeros
Caíam morrendo, e em tua alma o remoerás.
Pois que ofendeste entre os Aqueus ao sumo herói”.

Tal proferindo, à terra o herói jogou seu cetro
Em furos cravejados de ouro, e se assentou
Diante do Atrida, que bufava, e aos dois Nestor
Dulcíloquo se eleva, o Pílio orador sumo
Dimana-lhe da língua a voz mais que o mel doce.
Duas gerações de homens falantes precederam-no,
E que antes dele são nascidos e nutridos
Na diva Pilos, e entre os outros reinou ele,
E bem intencionado disse e lhes falou:
“Grã dor visita o solo Acaio, ó numes!

ἤ κεν γηθήσαι Πρίαμος Πριάμοιό τε παῖδες
 ἄλλοι τε Τρῶες μέγα κεν κεχαροίατο θυμῷ,
 εἰ σφῶιν τάδε πάντα πυθοίατο μαρναμένοιιν,
 οἳ περὶ μὲν βουλὴν Δαναῶν, περὶ δ' ἔστέ μάχεσθαι.
 ἀλλὰ πίθεσθ', ἄμφω δὲ νεωτέρω ἔστων ἐμεῖο.
 ἤδη γάρ ποτ' ἐγὼ καὶ ἀρείοσιν ἠέ περ ὑμῖν
 ἀνδράσιν ὠμίλησα, καὶ οὐ ποτέ μ' οἳ γ' ἀθέριζον.
 οὐ γάρ πω τοίους ἴδον ἀνέρας οὐδὲ ἴδωμαι,
 οἷον Πειρίθοόν τε Δρύαντά τε ποιμένα λαῶν
 Καινέα τ' Ἐξάδιόν τε καὶ ἀντίθεον Πολύφημον
 Θησέα τ' Αἰγείδην ἐπιείκελον ἀθανάτοισι.
 κάρτιστοι δὴ κεῖνοι ἐπιχθονίων τράφον ἀνδρῶν·
 κάρτιστοι μὲν ἔσαν καὶ καρτίστοισ' ἐμάχοντο,
 φηρσὶν ὄρεσκώοισι, καὶ ἐκπάγλως ἀπόλεσαν.
 καὶ μὲν τοῖσιν ἐγὼ μεθομίλεον ἐκ Πύλου ἐλθῶν,
 τηλόθεν ἐξ ἀπίης γαίης· καλέσαντο γὰρ αὐτοί,
 [καὶ μαχόμεν κατ' ἔμ' αὐτὸν ἐγὼ, κείνοισι δ' ἂν οὐ τις
 τῶν, οἳ νῦν βροτοὶ εἰσὶν ἐπιχθόνιοι, μαχέοιτο].
 καὶ μὲν μευ βουλέων ζύνιεν πείθοντό τε μύθῳ.
 ἀλλὰ πίθεσθε καὶ ὑμμες, ἐπεὶ πείθεσθαι ἄμεινον.
 μήτε σὺ τόνδ', ἀγαθός περ ἐὼν, ἀποαίρεο κούρην,
 ἀλλ' ἔα, ὥς οἱ πρῶτα δόσαν γέρας υἴες Ἀχαιοῶν·
 μήτε σὺ, Πηλεΐδῃ, ἔθελ' ἐριζέμεναι βασιλῆι
 [ἀντιβίην, ἐπεὶ οὐ ποθ' ὁμοίης ἔμμορε τιμῆς
 σκηπτοῦχος βασιλεύς, ᾧ τε Ζεὺς κῦδος ἔδωκεν].
 εἰ δὲ σὺ καρτερός ἐσσι, θεὰ δέ σε γείνατο μήτηρ,
 ἀλλ' ὅδε φέρτερός ἐστιν, ἐπεὶ πλεόνεσσι ἀνάσσει.
 [Ἄτρεΐδῃ, σὺ δὲ παῦε τεδὸν μένος, αὐτὰρ ἐγὼ γε
 λίσσομ' Ἀχιλλῆι μεθέμεν χόλον, ὃς μέγα πᾶσιν
 ἔρκος Ἀχαιοῖσιν πέλεται πολέμοιο κακοῖο.] «
 τὸν δ' ἀπαμειβόμενος προσέφη κρείων Ἀγαμέμνων·
 »ναὶ δὴ ταῦτά γε πάντα, γέρον, κατὰ μοῖραν ἔειπες,
 ἀλλ' ὅδ' ἀνὴρ ἐθέλει περὶ πάντων ἔμμεναι ἄλλων,
 [πάντων μὲν κρατέειν ἐθέλει, πάντεσσι δ' ἀνάσσειν,]
 πᾶσι δὲ σημαίνειν, ἅ τιν' οὐ πείσεσθαι οἴω.
 εἰ δέ μιν αἰχμητὴν ἔθεσαν θεοὶ αἰὲν ἐόντες,
 τοῦνεκά οἱ προθέουσιν ὄνειδεα μυθήσασθαι; «

Disto se alegrariam Príamo e Priâmidas,
Troianos por igual de ouvi-lo gostariam,
Se acaso têm notícia dessas rixas mútuas,
Por parte dos melhores no siso e na luta.
Mais do que eu, sois moços, então me escutai!
Lutei, por certo, um dia, com varões mais fortes
Que vós, e nunca eles me diminuíram.
Não mais verei homens assim, e jamais vira,
Como Perito e Dríanto, que os povos leva,
Caineu, Exádio e o Polifemo celestial,
Teseu Egeida, qual um nume. Eram fortíssimos
Tais homens epictônios que aqui viveram,
Contra fortíssimos lutavam tais fortíssimos,
E o montês centauro sem dó eles matavam,
Com eles eu topava ao retornar de Pilos,
Ínvia terra afastada, porém me chamavam.
Por mim mesmo eu lutava, pois ninguém com eles
Se iria medir, hoje são homens epictônios.
Se eu ponderava, ouviam-me, e se persuadiam.
Convencei-vos também. Melhor é convencer-vos!
E, belo que és, nada de à virgem tu tocares,
Que a deixes, pois lha deram como dons Aqueidas,
Nem tu, Pelida, queiras arrostar o rei
De frente a frente, uma honraria tal jamais
Teve outro rei cetrado a quem Zeus glória dera!
Tu te crês forte? Mas a deusa deu-te o porte.
Porém mais forte ele é, por comandar a muitos.
Pausa tua ira, Atrida, e a Aquiles também
Rogo que a raiva deixe, pois grã muro ele é
Para Aqueus todos na batalha traiçoeira”.

E, ao responder-lhe, diz o forte Agamenon:
“Todas e quantas, velho, dizes, são bem sábias.
Porém, este homem quer ficar acima de outros,
Mandar deseja em todos, em todos reinar,
Ou indicar, não vai, porém, creio, vencer-me.
Se os imortais quiseram-no tornar um bravo,
Por causa disso lhe garantem injuriar?”.

τὸν δ' ἄρ' ὑποβλήδην ἡμείβετο δῖος Ἀχιλλεύς·
»ἦ γάρ κε δειλός τε καὶ οὐτιδανὸς καλεοίμην,
εἰ δὴ σοὶ πᾶν ἔργον ὑπείξομαι ὅττι κε εἵπης.
ἄλλοισιν δὴ ταῦτ' ἐπιτέλλεο, μὴ γὰρ ἐμοί γε
[σήμαιν'· οὐ γὰρ ἐγὼ γ' ἔτι σοὶ πείσεσθαι οἶώ].
ἄλλο δέ τοι ἐρέω, σὺ δ' ἐνὶ φρεσὶ βάλλεο σῆσιν·
χερσὶ μὲν οὐ τοι ἐγὼ γε μαχήσομαι εἵνεκα κούρης
οὔτε σοὶ οὔτε τῷ ἄλλῳ, ἐπεὶ μ' ἀφέλεσθέ γε δόντες·
τῶν δ' ἄλλων, ἃ μοι ἔστι θοῆ παρα νηὶ μελαίνῃ,
τῶν οὐκ ἄν τι φέροις ἀνελὼν ἀέκοντος ἐμεῖο.
εἰ δ' ἄγε μὴν, πείρησαι, ἵνα γνῶσι καὶ οἶδε·
αἰψά τοι αἶμα κελαινὸν ἐρωήσει περὶ δουρί.»

ὣς τὼ γ' ἀντιβίοισι μαχεσσαμένῳ ἐπέεσσι
ἀνστήτην, λῦσαν δ' ἀγορὴν παρὰ νηυσὶν Ἀχαιῶν.
Πηλεΐδης μὲν ἐπὶ κλισίας καὶ νῆας εἴσας
ἦε σὺν τε Μενoitιάδῃ καὶ οἴσ' ἐτάροισιν,
Ἄτρεΐδης δ' ἄρα νῆα θοὴν ἄλαδε προέρυσσεν,
ἔς δ' ἐρέτας ἔκρινεν εἰκόσι, ἔς δ' ἐκατόμβην
βῆσε θεῶ, ἀνά δὲ Χρυσήϊδα καλλιπάρηον
εἶσεν ἄγων, ἐν δ' ἀρχὸς ἔβη πολύμητις Ὀδυσσεύς.
οἱ μὲν ἔπειτ' ἀναβάντες ἐπέπλεον ὑγρά κέλευθα,
λαοὺς δ' Ἄτρεΐδης ἀπολυμαίνεσθαι ἄνωγεν.
οἱ δ' ἀπελυμαίνοντο καὶ εἰς ἄλα λύματα βάλλον,
ἔρδον δ' Ἀπόλλωνι τεληέσσας ἐκατόμβας
ταύρων ἠδ' αἰγῶν παρὰ θῖν' ἄλός ἀτρυγέτιο,
κνίσῃ δ' οὐρανὸν ἴκεν ἐλισσομένη περὶ καπνῶ.

ὣς οἱ μὲν τὰ πένοντο κατὰ στρατόν, οὐδ' Ἀγαμέμνων
λῆγ' ἔριδος, τὴν πρῶτον ἐπηπείλησ' Ἀχιλλῆι,
ἄλλ' ὅ γε Ταλθύβιον τε καὶ Εὐρυβάτην προσέειπε,
τῷ οἱ ἔσαν κήρυκε καὶ ὄτρηρῶ θεράποντε·

»ἔρχεσθον κλισίην Πηληϊάδεω Ἀχιλλῆος,
χειρὸς ἐλόντ' ἀγέμεν Βρισηΐδα καλλιπάρηον.
εἰ δέ κε μὴ δώῃσιν, ἐγὼ δέ κεν αὐτὸς ἔλωμαι
ἐλθὼν σὺν πλεόνεσσι· τό οἱ καὶ ρίγιον ἔσται.»

ὣς εἰπὼν προΐει, κρατερὸν δ' ἐπὶ μῦθον ἔτελλε.
τῷ δ' ἀέκοντ' ἐβάτην παρὰ θῖν' ἄλός ἀτρυγέτιο,
Μυρμιδόνων δ' ἐπὶ τε κλισίας καὶ νῆας ἰκέσθην.

E lhe atalhou o divo Aquiles lhe dizendo:
“Talvez frouxo e palerma então seria chamado,
Se no que mandas eu a tudo aquiescesse,
Para os demais vai falar isso, pois em mim
Não mandas, nem penso jamais te obedecer.
E no juízo ponhas o que passo a expor-te:
Por ti, por ela ou outro eu não mais lutarei,
Pois me tomaste os dons com que outros me brindaram.
Porém, nos que na minha negra nau se aninham,
Não ponhas a mão neles sem que eu te consinta.
Tenta o contrário, para ver, como estes vão
Teu sangue negro ver a me pingar da lança”.

Ambos se elevam, vozes ríspidas renhindo,
E junto às naus Aquéias se amansou o barulho.
Às tendas foi-se Aquiles, e às naus niveladas.
Com o Menécio vai, e mais amigos vão.
Por fim atraca o Atrida então a nau bem lépida,
Dentro vinte remeiros mais uma Hecatombe
Ao deus enviada, e vai Criseida à face rósea,
Que por fim entra, e vai de guia o astuto Ulisses.
Zarpando vão, já singram águas verdes, úmidas.
E pede o Atrida a todos que se purifiquem,
E que as escórias do lavar ao mar se atirem,
Completas hecatombes para Apolo imolam-se
No estéril rio do mar: são bois, cabras inúmeras,
Do fumo o aroma sobe ao céu, e se dispersa,
Como é duro guerrear! Não declinou, porém,
Agamenon das iras que ao Pelida ferem.
Por Euribates e Taltíbio ele chamou,
Arautos seus, ministros também excelentes:
“À tenda do Aquileu Pelida ide da mão
Pegar, trazer Briseida das faces formosas,
Caso não dêem, talvez eu mesmo então a tome,
Eu vou com minha turma, e vai-lhes ser pior!”,
Ele disse, e expediu-os, com fala frenética.
Mau grado seu, à praia vão do mar sem fruto,
Batéis, naus mirmidônias por fim lá toparam,

τὸν δ' εὖρον παρά τε κλισίῃ καὶ νηὶ μελαίνῃ
ἤμενον, οὐδ' ἄρα τῷ γε ἰδὼν γήθησεν Ἀχιλλεύς.
τῷ μὲν ταρβήσαντε καὶ αἰδομένῳ βασιλῆα
στήτην οὐδέ τί μιν προσεφώνεον οὐδ' ἐρέοντο,
αὐτὰρ ὃ ἔγνω ἦσιν ἐνὶ φρεσὶ φώνησέν τε·

»χαίρετε, κήρυκες, Διὸς ἄγγελοι ἠδὲ καὶ ἀνδρῶν,
ἄσπον ἴτ'· οὐ τί μοι ὑμεῖς ἐπαίτιοι, ἀλλ' Ἀγαμέμνων,
ὃ σφῶιν προΐει Βρισηΐδος εἵνεκα κούρης.
ἀλλ' ἄγε, διογενὲς Πατρόκλεις, ἔξαγε κούρην
καὶ σφωὶν δὸς ἄγειν, τῷ δ' αὐτῷ μάρτυροι ἔστων
πρὸς τε θεῶν μακάρων πρὸς τε θνητῶν ἀνθρώπων
καὶ πρὸς τοῦ βασιλῆος ἀπηνέος, εἴ ποτε δὴ αὖτε
χρειῶ ἔμεῖο γένηται ἀεικέα λοιγὸν ἀμῦναι
[τοῖσ' ἄλλοισ'. ἦ γὰρ ὃ γ' ὀλοῖῃσι φρεσὶ θύει
οὐδέ τι οἶδε νοῆσαι ἅμα πρόσσω καὶ ὀπίσσω,
ὅππως οἱ παρά νηυσὶ σόοι μαχέοιντο Ἀχαιοί].«

ὣς φάτο, Πάτροκλος δὲ φίλῳ ἐπεπέθειθ' ἐταίρῳ,
ἐκ δ' ἄγαγε κλισίης Βρισηΐδα καλλιπάρηον,
δῶκε δ' ἄγειν, τῷ δ' αὖτις ἴτην παρά νῆας Ἀχαιῶν,
ἣ δ' ἀέκουσ' ἅμα τοῖσι γυνὴ κίεν. αὐτὰρ Ἀχιλλεύς
δακρύσας ἐτάρων ἀπ' ἄρ' ἔζετο νόσφι λιασθεῖς
θῖν' ἔφ' ἄλδος πολιῆς, ὀρόων ἐπὶ οἴνοπα πόντον.
πολλὰ δὲ μητρὶ φίλῃ ἠρήσατο χειῖρας ὀρεγνύς·

»μηῆτερ, ἐπεὶ μ' ἔτεκές γε μινυνθάδιόν περ ἐόντα,
τιμὴν πέρ μοι ὄφελλεν Ὀλύμπιος ἐγγυαλίξαι,
Ζεὺς ὑψιβρεμέτης· νῦν δ' οὐδέ με τυτθὸν ἔτισεν.
ἦ γὰρ μ' Ἀτρεΐδης εὐρὺ κρείων Ἀγαμέμνων
ἠτίμησεν· ἐλὼν γὰρ ἔχει γέρας, αὐτὸς ἀπούρας.»

ὣς φάτο δάκρυ χέων· τοῦ δὲ κλύε πότνια μήτηρ
ἠμένῃ ἐν βένθεσσι ἀλὸς παρά πατρὶ γέροντι.
καρπαλίμως δ' ἀνέδου πολιῆς ἀλὸς, ἠύτ' ὀμίχλη,
καὶ ῥα πάροισ' αὐτοῖο καθέζετο δάκρυ χέοντος
χειρὶ τέ μιν κατέρεξε ἔπος τ' ἔφατ' ἐκ τ' ὀνόμαζε·

»τέκνον, τί κλαίεις; τί δέ σε φρένας ἴκετο πένθος;
ἔξάδου, μὴ κεῦθε νόω, ἴνα εἶδομεν ἄμφω.»

τὴν δὲ βαρὺ στενάχων προσέφη πόδας ὠκὺς Ἀχιλλεύς·
»οἴσθα· τίη τοι ταῦτα ἰδυίῃ πάντ' ἀγορεύω;

Sentado à tenda o Atrida topam junto às naus,
Que nem sorriso esboça ao ver quem vinha vindo,
E ambos tremendo por respeito ao basileu,
Não lhe disseram nada nem lhe proferiram,
Ele, porém, os entendeu na alma, e diz-lhes:
“De Zeus e de homens, salve arautos mensageiros!
Em vós culpa não há, porém a tem o Atrida,
E que por causa da jovem Briseida vos mandou,
Traz logo a bela, eia, meu Pátroclo divino,
E dá-lhes a levá-la, e por fim testemunhem,
Ante os mortais e deuses bem-aventurados,
E o ínvio rei, se houver falta de mim
Para afastar dos outros um mal vergonhoso,
Pois que o Atrida irado está, e ao senso hesita,
Já nada prover sabe atrás ou pela frente,
A fim que Aqueus pelejem salvos junto às naus”,
Disse ele, e Pátroclo entendeu bem seu amigo,
E traz da tenda a jovem de bonitas faces,
E deu-lha aos dois, que às naus Aquéias logo a levam,
Ela, mulher, a contragosto foi-se, em choro,
À parte senta Aquiles, e assim se deixou,
A praia do mar alvo mira e o mar escuro!
As mãos levanta e à cara mãe não pouco pede:
“Ó mãe, por que, embora fugaz tu me hás parido?
Com honras me devera cumular o Olímpio
Atroador da altura, e nada me cumpriu.
Agamenon Atrida, que amplo reina, ofende-me,
Tomou-me o dom que é meu, e me oprime em pessoa”,
Lagrimante falou, e ouviu-o a augusta mãe.
Desde o fundo do mar, e junto ao pai ancião,
Das águas ela alçou-se e lépida qual fumo
Sentar veio do lado dele, que chorava,
Da mão o acariciando, e então disse e falou-lhe:
“Que dor na alma te vai, filho, por que tu choras?
Abre-te então, e fala, a fim saibamos juntos!”.
E diz-lhe o fundo arfante Aquiles de pés ágeis:
“Por que contar-te tudo eu devo, se tu o sabes?”

ὤχόμεθ' ἐς Θήβην, ἱερὴν πόλιν Ἡετίωνος,
 τὴν δὲ διεπράθομέν τε καὶ ἤγομεν ἐνθάδε πάντα.
 καὶ τὰ μὲν εὖ δάσσαντο μετὰ σφίσιν υἴες Ἀχαιῶν,
 ἐκ δ' ἔλον Ἀτρεΐδῃ Χρυσήϊδα καλλιπάρηον.
 Χρύσης δ' αὖθ', ἱερεὺς ἐκατηβόλου Ἀπόλλωνος,
 ἦλθε θεὸς ἐπὶ νῆας Ἀχαιῶν χαλκοχιτώνων
 λυσόμενός τε θύγατρα φέρων τ' ἀπερείσι' ἄποινα,
 [στέμματ' ἔχων ἐν χερσὶ ἐκηβόλου Ἀπόλλωνος
 χρυσεῶ ἀνὰ σκήπτρῳ, καὶ λίσσετο πάντας Ἀχαιοῦς,
 Ἀτρεΐδα δὲ μάλιστα δύω, κοσμήτορε λαῶν].
 ἐνθ' ἄλλοι μὲν πάντες ἐπευφήμησαν Ἀχαιοὶ
 αἶδεσθαί θ' ἱερῆα καὶ ἀγλαὰ δέχθαι ἄποινα·
 ἀλλ' οὐκ Ἀτρεΐδῃ Ἀγαμέμνονι ἀνδανε θυμῷ,
 ἀλλὰ κακῶς ἀφίει, κρατερὸν δ' ἐπὶ μῦθον ἔτελλε.
 χωόμενος δ' ὁ γέρον πάλιν ὤχετο, τοῖο δ' Ἀπόλλων
 εὐξαμένου ἤκουσεν, ἐπεὶ μάλα οἱ φίλος ἦεν,
 ἦκε δ' ἐπ' Ἀργεῖοισι κακὸν βέλος. οἳ δὲ νυ λαοὶ
 θνησκὸν ἐπασσύτεροι, τὰ δ' ἐπώχετο κῆλα θεοῖο
 πάντῃ ἀνὰ στρατὸν εὐρὺν Ἀχαιῶν. ἄμμι δὲ μάντις
 εὖ εἰδὼς ἀγόρευε θεοπροπίας ἐκάτοιο.
 αὐτίκ' ἐγὼ πρῶτος κελόμην θεὸν ἰλάσκεσθαι,
 Ἀτρεΐωνα δ' ἔπειτα χόλος λάβεν, αἶψα δ' ἀναστάς
 ἠπείλησεν μῦθον, ὃ δὴ τετελεσμένος ἐστίν.
 τὴν μὲν γὰρ σὺν νηὶ θεῶν ἐλίκωπες Ἀχαιοὶ
 ἐς Χρυσὴν πέμπουσιν, ἄγουσι δὲ δῶρα ἀνακτι·
 τὴν δὲ νέον κλισίηθεν ἔβαν κήρυκες ἄγοντες
 κούρην Βρισηῆος, τὴν μοι δόσαν υἴες Ἀχαιῶν.
 ἀλλὰ σὺ, εἰ δύνασαι γε, περισχεο παιδὸς ἐοῖο·
 ἔλθοῦσ' Οὐλυμπόνδε Δία λίσαι, εἴ ποτε δῆ τι
 ἢ ἔπει ὦνησας κραδίην Διὸς ἠέ τι ἔργῳ.
 πολλάκι γὰρ σεο πατρός ἐνὶ μεγάροισιν ἄκουσα
 εὐχομένης, ὅτε φῆσθα κελαινεφεί Κρονίωνι
 οἷη ἐν ἀθανάτοισιν ἀεικέα λοιγὸν ἀμῦναι,
 ὁππότε μιν ξυνδῆσαι Ὀλύμπιοι ἤθελον ἄλλοι,
 "Ἦρη τ' ἠδὲ Ποσειδάων καὶ Φοῖβος Ἀπόλλων,
 ἀλλὰ σὺ τὸν γ' ἔλθοῦσα, θεά, ὑπελύσαο δεσμῶν,
 ὧχ' ἐκατόγχειρον καλέσασ' ἐς μακρὸν Ὀλυμπον,

Em Tebas estivemos, vila santa de Hétion,
Nós a tomamos e até aqui trouxemos tudo,
E que os Aqueidas repartiram muito bem.
Criseida, à face bela, deram ao Atrida,
Crises depois, vate de Apolo Frechador,
Às naus veio de Aqueus de túnica de bronze
A filha, por resgate infindo, reaver,
Faixas de Apolo Frechador tendo nos braços
Sobre áureo cetro, e enfim ele a todos implora,
Mais, porém, aos Atridas, líderes de povos.
Ponderam todos os demais Aqueus então
Honrar-se ao vate, e se acatarem raras dádivas.
Tal não aprouve à alma do Atrida Agamenon,
E que, olhando-o feio, algo tremendo lhe falou.
De volta vai o velho aborrecido, Apolo
Ouviu-o assim pedir, porque dele gostava.
Vem sobre Argeus a flecha má, e os povos morrem,
E, amontoados, divas flechas insistiam
Contra a ampla armada Aquéia, e a nós então o vate
Aponta atento o que deseja o Fere-Longe.
Que se aplacasse então o deus logo exortei.
Do Atrida, enfim, a ira se apossa, e bruto eleva-se,
E trama nos contou que por fim se completa,
E em nau veloz Aqueus de olhos vivazes levam-na,
E a Crisa vão, e ao rei de lá levam presentes.
Da tenda agora saem arautos a levar
A que me deram os Aqueus, filha de Brises.
Mas tu, se podes, pelo filho teu implora.
Indo ao Olimpo pede a Zeus se algum respeito
Ao peito dele infundes pela fala ou gesto.
Não raro ao paço de meu pai te ouvi a louvares-te
De que ao nubícolo Cronida foste a única
Entre os deuses capaz de lhe afastar de um mal,
Quando em motim quiseram amarrá-lo Olímpios
Deuses, Hera e Posêidon e Palas Atena.
Chegando a ele dos grilhões o livras, deusa,
Breve a chamares para o Olimpo o Centimano,

ὄν Βριάρεων καλέουσι θεοί, ἄνδρες δέ τε πάντες
Αἰγαίων· ὃ γὰρ αὖτε βίη οὐ πατὴρ ἀμείνων·
ὅς ῥα παρὰ Κρονίῳ καθέζετο κύδει γαίων.
τὸν καὶ ὑπέδεισαν μάκαρες θεοὶ οὐδὲ ἔδησαν.
τῶν νῦν μιν μνήσασα παρέζεο καὶ λαβὲ γούνων,
αἷ κέν πως ἐθέλῃσιν ἐπὶ Τρώεσσιν ἀρῆξαι,
τούς δὲ κατὰ πρύμνας τε καὶ ἀμφ' ἄλλα ἔλσαι Ἀχαιοὺς
κτεινομένους, ἵνα πάντες ἐπαύρωνται βασιλῆος,
γυνῶ δὲ καὶ Ἀτρεΐδης εὐρὺ κρείων Ἀγαμέμνων
ἦν ἄτην, ὃ τ' ἄριστον Ἀχαιῶν οὐδὲν ἔτισε. «

τὸν δ' ἠμείβετ' ἔπειτα Θέτις κατὰ δάκρυ χέουσα·
»ὦ μοι, τέκνον ἐμόν, τί νύ σ' ἔτρεφον αἰνὰ τεκοῦσα;
αἶθ' ὄφελος παρὰ νηυσὶν ἀδάκρυτος καὶ ἀπῆμων
ἦσθαι, ἐπεὶ νύ τοι αἶσα μίνυνθά περ, οὐ τι μάλα δῆν·
νῦν δ' ἅμα τ' ὠκύμορος καὶ οἰζυρὸς περὶ πάντων
ἔπλεο· τῷ σε κακῆ αἶση τέκον ἐν μεγάροισι.
τοῦτο δέ τοι ἐρέουσα ἔπος Διὶ τερπικεραίνῳ
εἶμ' αὐτῇ πρὸς Ὀλυμπον ἀγάννιφον, αἷ κε πίθηται.
ἀλλὰ σὺ μὲν νῦν νηυσὶ παρήμενος ὠκυπόροισιν
μήνι' Ἀχαιοῖσιν, πολέμου δ' ἀποπαύεο πάμπαν.
Ζεὺς γὰρ ἐς Ὠκεανὸν μετ' ἀμύμονας Αἰθιοπῆας
χθιζὸς ἔβη κατὰ δαῖτα, θεοὶ δ' ἅμα πάντες ἔποντο.
δωδεκάτη δέ τοι αὖτις ἐλεύσεται Οὐλυμπόνδε,
καὶ τότε ἔπειτά τοι εἶμι Διὸς ποτὶ χαλκοβατὲς δῶ
καὶ μιν γουνάσομαι, καὶ μιν πείσεσθαι οἶω. «

ὣς ἄρα φωνήσασ' ἀπεβήσετο, τὸν δὲ λίπ' αὐτοῦ
χωόμενον κατὰ θυμὸν ἐυζώνοιο γυναικός,
τὴν ῥα βίη ἀέκοντος ἀπηύρων. αὐτὰρ Ὀδυσσεὺς
ἐς Χρῦσῃν ἵκανεν ἄγων ἱερὴν ἑκατόμβην.
οἱ δ' ὅτε δὴ λιμένος πολυβενθέος ἐντὸς ἵκοντο,
ἰστία μὲν στείλαντο, θέσαν δ' ἐν νηὶ μελαίνῃ,
ἰστὸν δ' ἰστοδόκη πέλασαν, προτόνοισιν ὑφέντες
καρπαλίμως, τὴν δ' εἰς ὄρμον προέρεσαν ἐρετμοῖς.
ἐκ δ' εὐνάς ἔβαλον, κατὰ δὲ πρυμνήσι' ἔδησαν,
ἐκ δὲ καὶ αὐτοὶ βαῖνον ἐπὶ ῥηγμῖνι θαλάσσης,
ἐκ δ' ἑκατόμβην βῆσαν ἐκηβόλῳ Ἀπόλλωνι,
ἐκ δὲ Χρῦσηϊς νηὸς βῆ ποντοπόροιο.

Que os deuses Briaréu chamam, e Egeu os homens
E em robustez ao próprio pai submeteu.
E grato à glória, junto a Zeus ele assentou-se,
E não o ataram, por temor, os venturosos,
Senta ao pé dele, a mão no joelho põe, e lembra-lhe
Que assim quisesse aos Tróicos então ajudar,
E contra águas e popas comprimir Aqueus,
Mortos, que honrassem ao líder que outrora fora,
E que, com isso, o Atrida Agamenon reinante
Sentisse entre os Aqueus traído haver ao máximo”.
Tétis responde-lhe depois a verter lágrimas:
“Por que, parida em luto, eu te nutri, meu filho?
Ao pé das naus pudesses tu salvo e sem pranto
Estar! Curto é teu fado, e mui longe não vai
Fugaz e triste enfim e em tudo és mais que todos,
Pois má fortuna foi gerar-te em meus palácios!
E a fim que tudo eu diga a Zeus que inflama os raios,
Vou-me às névoas do Olimpo, quiçá o dobrarei.
Porém, tu, junto das naus ligeiras assentado,
Odeia Aqueus sim, porém abomina a guerra.
Ao Oceano e aos cândidos etíopes Zeus
Partido é para festas, vão todos os deuses.
De volta aqui estará no Olimpo em doze dias.
Só então ao êneo lar de Zeus me abalarei,
Dos joelhos vou pegá-lo, acho que irá suadir-se”.
Assim falando, foi-se, o filho ali deixou,
Na alma a remoer a jovem de cintura bela,
Que lha tomado haviam por violência. Voga
Ulisses até Crisa com santa hecatombe.
E ao multifundo porto quando se acercaram
Dobram as velas, que aninharam na nau negra.
Ao cavalete o mastro abaixam com as cordas,
Com cuidado e com remos até o porto vão,
E as âncoras atiram, e ajustam amarras,
E enfim ao rio do mar de fato eles desceram,
E ao fere-longe Apolo abaixam a hecatombe,
Criseida sai por fim fora da nau remeira,

τὴν μὲν ἔπειτ' ἐπὶ βωμὸν ἄγων πολύμητις Ὀδυσσεύς
πατρὶ φίλῳ ἐν χερσὶ τίθει καὶ μιν προσέειπεν·

»ὦ Χρῦση, πρό μ' ἔπεμψε ἀναξ ἀνδρῶν Ἀγαμέμνων
παῖδά τε σοὶ ἀγέμεν Φοῖβῳ θ' ἱερὴν ἑκατόμβην
ῥέξαι ὑπὲρ Δαναῶν, ὄφρ' ἰλασόμεσθα ἀνακτα,
ὅς νῦν Ἀργεῖοισι πολύστονα κήδε' ἐφῆκεν.«

ὣς εἰπὼν ἐν χερσὶ τίθει, ὃ δὲ δέξατο χαίρων
παῖδα φίλην. τοὶ δ' ὄκα θεῶ ἱερὴν ἑκατόμβην
ἐξείης ἔστησαν εὐδμητον περὶ βωμὸν,
χερνίψαντο δ' ἔπειτα καὶ οὐλοχύτας ἀνέλοντο.

τοῖσιν δὲ Χρῦσης μεγάλ' εὐχετο χεῖρας ἀνασχῶν·

»κλυθὶ μευ, ἀργυρότοξ', ὅς Χρῦσὴν ἀμφιβέβηκας
Κίλλαν τε ζαθέην Τενέδοιό τε Ἴφι ἀνάσσεις·
ἦμὲν δὴ ποτ' ἐμεῦ πάρος ἔκλυες εὐξαμένοιο,
τίμησας μὲν ἐμέ, μέγα δ' ἴψαο λαὸν Ἀχαιῶν,
ἦδ' ἔτι καὶ νῦν μοι τόδ' ἐπικρήνηον ἐέλδωρ·
ἦδη νῦν Δαναοῖσιν ἀεικέα λαιγὸν ἄμυνον.«

ὣς ἔφατ' εὐχόμενος, τοῦ δὲ κλύε Φοῖβος Ἀπόλλων.
αὐτὰρ ἐπεὶ ῥ' εὐξάντο καὶ οὐλοχύτας προβάλλοντο,
αὔευσαν μὲν πρῶτα καὶ ἔσφαξαν καὶ ἔδειραν
μηρούς τ' ἐξέταμον κατὰ τε κνίσῃ ἐκάλυψαν,
δίπτυχα ποιήσαντες, ἐπ' αὐτῶν δ' ὠμοθέτησαν.
καῖε δ' ἐπὶ σχίζῃσ' ὁ γέρων, ἐπὶ δ' αἶθοπα οἶνον
λειῖβε, νέοι δὲ παρ' αὐτὸν ἔχον πεμπώβολα χερσίν.
αὐτὰρ ἐπεὶ κατὰ μῆρ' ἐκάη καὶ σπλάγχνα πάσαντο,
μίστυλλον τ' ἄρα τάλλα καὶ ἀμφ' ὀβελοῖσιν ἔπειραν
ὥπτησάν τε περιφραδέως ἐρύσαντό τε πάντα.
αὐτὰρ ἐπεὶ παύσαντο πόνου τετύκοντό τε δαῖτα,
δαίνυντ', οὐδέ τι θυμὸς ἐδεύετο δαιτὸς εἴσης.
αὐτὰρ ἐπεὶ πόσιος καὶ ἐδητύος ἐξ ἔρον ἔντο,
κοῦροι μὲν κρητῆρας ἐπεστέψαντο ποτοῖο,
νώμησαν δ' ἄρα πᾶσιν, ἐπαρξάμενοι δεπάεσσιν,
οἱ δὲ πανημέριοι μολπῇ θεὸν ἰλάσκοντο,
καλὸν αἰείδοντες παιήονα κοῦροι Ἀχαιῶν,
μέλποντες ἐκάεργον, ὃ δὲ φρένα τέρπετ' ἀκούων.
ἦμος δ' ἠέλιος κατέδυ καὶ ἐπὶ κνέφας ἦλθε,
δὴ τότε κοιμήσαντο παρὰ πρυμνήσια νηός.

Que Ulisses multimanhas leva para o altar.
Às mãos do velho vate a entrega e vai dizendo:
“Crises! Mandou-me Agamenon, rei dos varões,
Trazer-te a moça, e a Febo uma santa hecatombe
De sagração a Aqueus, a fim se acalme Apolo,
Que ora os Argeus maltrata com sanhudos males”.
Falou, lha entrega às mãos, ele com gosto aceita
A cara filha, e ao deus lauta hecatombe dão,
Bem ordenada e em torno ao bem lavrado altar.
Lavam-se as mãos, farinha santa então pegaram,
Alto lhes rezou Crises, de palmas ao alto:
“Escuta-me, ó de argêntas flechas, rei de Crisa,
E Cila sacra e que com pulso és rei de Tênedos!
Como infalível tu atendeste a meu orar,
E assim me honraste, quando Aqueus forte feriste,
Agora cumpre uma vez mais o que te rogo!
Afasta a praga amarga dos Aqueus agora!”,
Devoto assim falou, e ouviu-o Febo Apolo.
Após rezarem e espalharem grãos sagrados,
O gado isolam já, depelam e degolam,
E as coxas que cortando estão cobrem de banha,
Duas vezes carnes cruas por cima puseram,
E em lenha coze o velho, e o negro vinho em cima
Jorram, quinquidentadas brochas têm os jovens.
Já assadas todas coxas, e, partes provadas,
Cortam o resto que em espetos enfiaram,
Com jeito cozem mais, retiram tudo ao fogo.
E findo esse labor, para o festim se aprumam,
E a pronta a refeição magnânima, comeram.
Saciada a gula de comer e de beber,
Jovens vão coroando com vinho as crateras,
E feita a libação dos copos, servem todos.
Em cantos dia inteiro ao deus vão acalmando,
O que acatou no peito o Fere-Longe, alegre-se.
Quando descamba o sol, porém, e vem a treva,
Junto aos cabos da nau todos ferram no sono,
E à matutina luz da dedirrósea aurora,

ἤμος δ' ἠριγένεια φάνη ῥοδοδάκτυλος Ἥως,
καὶ τότε ἔπειτ' ἀνάγοντο μετὰ στρατὸν εὐρὺν Ἀχαιῶν,
τοῖσιν δ' ἔκμενον οὖρον ἴει ἐκάεργος Ἀπόλλων.
οἱ δ' ἰστὸν στήσαντ' ἀνά θ' ἰστία λευκὰ πέτασσαν,
ἐν δ' ἄνεμος πρῆσεν μέσον ἰστίον, ἀμφὶ δὲ κῦμα
στεῖρη πορφύρεον μεγάλ' ἴαχε νηὸς ἰούσης,
ἣ δ' ἔθεεν κατὰ κῦμα διαπρήσσουσα κέλευθον.
αὐτὰρ ἐπεὶ ῥ' ἴκοντο κατὰ στρατὸν εὐρὺν Ἀχαιῶν,
νῆα μὲν οἱ γε μέλαιναν ἐπ' ἠπείροιο ἔρυσσαν
ὑψοῦ ἐπὶ ψαμάθοισ', ὑπὸ δ' ἔρματα μακρὰ τάνυσσαν,
αὐτοὶ δὲ σκίδναντο κατὰ κλισίας τε νέας τε.

αὐτὰρ ὁ μῆνιε νηυσὶ παρήμενος ὠκυπόροισι,
διογενῆς Πηληϊὸς υἱὸς πόδας ὠκύς Ἀχιλλεύς·
οὔτε ποτ' εἰς ἀγορὴν πωλέσκετο κυδιάνειραν
οὔτε ποτ' εἰς πόλεμον, ἀλλὰ φθινύθεσκε φίλον κῆρ
αὔθι μένων, ποθέεσκε δ' αὐτὴν τε πτόλεμόν τε.
ἀλλ' ὅτε δὴ ῥ' ἐκ τοῖο δυωδεκάτη γένητ' ἡώς,
καὶ τότε δὴ πρὸς Ὀλυμπον ἴσαν θεοὶ αἰὲν ἐόντες
πάντες ἅμα, Ζεὺς δ' ἦρχε. Θέτις δ' οὐ λήθετ' ἐφετμέων
παιδὸς ἐοῦ, ἀλλ' ἣ γ' ἀνεδύσετο κῦμα θαλάσσης,
ἠερίη δ' ἀνέβη μέγαν οὐρανὸν Οὐλύμπόν τε.
εὖρεν δ' εὐρύοπα Κρονίδην ἄτερ ἤμενον ἄλλων
ἀκροτάτῃ κορυφῇ πολυδειράδος Οὐλύμποιο.
καὶ ῥα πάροιθ' αὐτοῖο καθέζετο καὶ λάβε γούνων
σκαιῆ, δεξιτερῆ δ' ἄρ' ὑπ' ἀνθερεῶνος ἐλοῦσα
λισσομένη προσέειπε Δία Κρονίωνα ἀνακτα·

»Ζεῦ πάτερ, εἴ ποτε δὴ σε μετ' ἀθανάτοισιν ὄνησα
ἣ ἔπει ἣ ἔργω, τότε μοι κρήνην ἐέλδωρ·
τίμησόν μοι υἱόν, ὃς ὠκυμορώτατος ἄλλων
ἔπλετ', ἀτὰρ μιν νῦν γε ἀναξ ἀνδρῶν Ἀγαμέμνων
ἠτίμησεν· ἐλὼν γὰρ ἔχει γέρας, αὐτὸς ἀπούρας.
ἀλλὰ σύ πέρ μιν τῖσον, Ὀλύμπιε μητίετα Ζεῦ,
τόφρα δ' ἐπὶ Τρώεσσι τίθει κράτος, ὄφρ' ἂν Ἀχαιοὶ
υἱὸν ἐμὸν τίσουσιν ὀφέλλωσίν τέ ἐ τιμῆ.»

ὣς φάτο, τὴν δ' οὐ τι προσέφη νεφεληγερέτα Ζεὺς,
ἀλλ' ἀκέων δὴν ἦστο. Θέτις δ' ὣς ἤψατο γούνων,
ὣς ἔχετ' ἐμπεφυῖα καὶ εἶρετο δεύτερον αὔτις·

Abalam-se todos Aqueus para a ampla armada,
Pois fere-longe Apolo bom vento soprava-lhes.
O mastro então aprestam, já soltam as velas.
Enfuna o vento a vela ao meio, e em torno à espuma.
A quilha rubro-forte chia, a capitânea
E ao réis da espuma cirze então a sua vereda.
Porém, dos Dânaos quando atingem o amplo campo,
E à praia a negra nau depõem, e põem os caibros
Sobre areias, em cima deles a nau fica.
Some-se cada qual entre tendas e naus.
Urta, no entanto, ao pé das breves naus, o herói
Pelida, o de ligeiros pés, o denodado,
Que em varonis enleios nem era mais visto,
Nem por lutas ansiava, o peito só queimava-lhe.
Lá a desdenhar a guerra e seus furores deixa-se.
Mas quando enfim aflora a aurora duodécima,
Os seres que são sempre para o Olimpo voam,
Seu guia é Zeus, e dos reclamos não se olvida
Do filho: ela da vaga irrompe do Oceano,
Rumo do Olimpo azul, e azula matutina,
E o amplo soante Crônio entre os demais se assenta
Ao sumo cimo Olímpio de cumes inúmeros.
Juntou-se a ele ela, os joelhos lhe prendeu
Com a sinistra, a destra pega-lhe na barba,
E para o sumo Zeus Cronida ansiosa fala:
“Zeus Pai, se um dia entre imortais eu te vali,
Com gesto ou fala, concretiza ora meu voto:
Honra a meu filho, que mais sofre que os demais,
Pois quem o fere é Agamenon, líder de povos,
Que de seus dons se vale e os pega ele em pessoa.
Portanto, vingá-o, prudente Zeus Olímpio,
E força dá aos Troianos para que os Aqueus
Meu filho reconheçam no honor que lhe cabe”,
Disse, mas nada Zeus retruca o Junta-Nuvens,
E então ela aos joelhos com a mão o apalpa,
E agora neles se apoiando implora sôfrega:

»νημερτές μὲν δὴ μοι ὑπόσχεο καὶ κατάνευσον
ἢ ἀπόμεπ', ἐπεὶ οὐ τοι ἔπι δέος, ὄφρ' εὐ εἰδῶ
ὅσπον ἐγὼ μετὰ πᾶσιν ἀτιμοτάτη θεός εἰμι.»

τὴν δὲ μέγ' ὀχθήσας προσέφη νεφεληγερέτα Ζεὺς·
»ἦ δὴ λοίγια ἔργ', ὅ τέ μ' ἐχθοδοπῆσαι ἐφήσεις
Ἥρη, ὅτ' ἄν μ' ἐρέθησιν ὄνειδείοισι ἔπεσσιν.
ἦ δὲ καὶ αὐτως μ' αἰὲν ἐν ἀθανάτοισι θεοῖσι
νεικεῖ καὶ τέ μέ φησι μάχη Τρώεσσιν ἀρήγειν.
ἀλλὰ σὺ μὲν νῦν αὖτις ἀπόστιχε, μὴ τι νοήσει
Ἥρη, ἐμοὶ δέ κε ταῦτα μελήσεται, ὄφρα τελέσω.
εἰ δ' ἄγε τοι κεφαλῇ κατανεύσομαι, ὄφρα πεποιθεις.
τοῦτο γὰρ ἐξ ἐμέθεν γε μετ' ἀθανάτοισι μέγιστον
τέκμωρ· οὐ γὰρ ἐμὸν παλινάγρετον οὐδ' ἀπατηλὸν
οὐδ' ἀτελεύτητον, ὅ τί κεν κεφαλῇ κατανεύσω.»

ἦ, καὶ κυανέησιν ἐπ' ὄφρῦσι νεῦσε Κρονίων.
ἀμβρόσιαι δ' ἄρα χαῖται ἐπερρώσαντο ἄνακτος
κρατὸς ἅπ' ἀθανάτοιο, μέγαν δ' ἐλέλιξεν Ὀλυμπον.

τὴν γ' ὥς βουλευσάντε διέτμαγεν· ἦ μὲν ἔπειτα
εἰς ἄλλα ἄλτο βαθεῖαν ἀπ' αἰγλήεντος Ὀλύμπου,
Ζεὺς δὲ ἐὼν πρὸς δῶμα. θεοὶ δ' ἅμα πάντες ἀνέστησαν
ἐξ ἐδέων, σφοῦ πατρὸς ἐναντίον, οὐδέ τις ἔτλη
μεῖναι ἐπερχόμενον, ἀλλ' ἀντίοι ἔσταν ἅπαντες.
ὥς δ' μὲν ἔνθα καθέζετ' ἐπὶ θρόνου, οὐδέ μιν Ἥρη
ἠγνοίησε ἰδοῦσ' ὅτι οἱ συμφράσσατο βουλὰς
ἀργυρόπεζα Θέτις, θυγάτηρ ἁλίοιο γέροντος.
αὐτίκα κερτομίοισι Δία Κρονίωνα προσηύδα·

»τίς δ' αὖ τοι, δολομῆτα, θεῶν συμφράσσατο βουλὰς;
αἰεὶ τοι φίλον ἐστίν, ἐμεῦ ἀπὸ νόσφιν ἐόντα,
κρυπτάδια φρονέοντα δικαζέμεν, οὐδέ τί πώ μοι
πρόφρων τέτληκας εἰπεῖν ἔπος ὅττι νοήσεις.»

τὴν δ' ἠμείβετ' ἔπειτα πατὴρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε
»Ἥρη, μὴ δὴ πάντας ἐμοὺς ἐπιέλπεο μύθους
εἰδήσειν· χαλεποὶ τοι ἔσοντ' ἀλόχῳ περ εἰούσῃ.
ἀλλ' ὄν μὲν κ' ἐπιεικὲς ἀκουέμεν, οὐ τις ἔπειτα
οὔτε θεῶν πρότερος τὸν εἴσεται οὔτ' ἀνθρώπων
ὄν δέ κ' ἐγὼν ἀπάνευθε θεῶν ἐθέλωμι νοῆσαι,
μὴ τι σὺ ταῦτα ἕκαστα διεῖρο μῆδὲ μετάλλα.»

“Deveras me promete e dá-me, ó Zeus, um sim
Ou não, pois não estás em minha pele. Sabe
Com isso o quanto menos do que os outros sou”.
E suspirante o Junta-Nuvens respondeu-lhe:
“Lavra penosa é Hera enfrentar, dar-te o que pedes,
Quando Hera me incitar com palavrões bravios,
E sem razão, pois sempre entre os divinos deuses,
Ela me diz que à luta eu favoreço aos Tróicos.
Mas, eia, volta à via e que Hera não te veja,
Que disso te dou conta se puder cumpri-lo.
Espera até um sinal com a cabeça eu dar-te,
Pois entre os divinais este é de mim o máximo
Sinal, que atrás não volta, e é infenso aos enganos”.
Fez dos cílios azuis o Crônio seu sinal,
E nisto se lhe ascendem-se melenas de ambrósia,
Da imortal fronte a balançar Olimpo inteiro.
E assim de acordo separaram-se, ela após,
No mar profundo, desde o Olimpo mergulhou,
Zeus a seu paço torna, e os deuses levantaram-se
Do assento, ante o grão Pai, ninguém ousou
Guardar lugar, mas adiante acorrem todos.
No trono seu sentou, e nem Hera ao revê-lo
Ignorou que ao senso Tétis lhe falara,
Deusa argentípoda, filha do deus do mar.
E a Zeus Cronida amargos termos ela disse:
“Doloso, qual dos deuses parecer pediu-te?
Pois quando estás longe de mim te é grato sempre
Palrar segredos penseroso, e nem a mim
Da fala que tu ocultas queres que eu me informe”.
E lhe responde o pai dos homens e divinos:
“Hera, não queiras saber todos meus enredos,
Pois, mesmo esposa, eles difíceis te serão.
Se algum for para ouvires, ninguém mais, deus seja,
Ou seja homem – por primeiro o saberá.
Deste, que sem intromissões quero entender,
Nada me peças, nem por partes me especules”.

τὸν δ' ἡμείβετ' ἔπειτα βοώπις πότνια Ἥρη·
 »αἰνότατε Κρονίδη, ποῖον τὸν μῦθον ἔειπες;
 καὶ λίην σε πάρος γ' οὔτ' εἶρομαι οὔτε μεταλλῶ,
 ἀλλὰ μάλ' εὐκηλος τὰ φράζεαι ἄσσο' ἐθέλησθα.
 νῦν δ' αἰνῶς δειδοικα κατὰ φρένα μή σε παρείπη
 ἀργυρόπεζα Θέτις, θυγάτηρ ἀλίοιο γέροντος·
 ἡερίη γάρ σ' ἦ γε παρέζετο καὶ λάβε γούνων.
 τῇ σ' ὀίω κατανεῦσαι ἐτήτμον ὡς Ἀχιλῆα
 τιμήσεις, ὀλέσεις δὲ πολὺς ἐπὶ νηυσὶν Ἀχαιῶν.«
 τὴν δ' ἀπαμειβόμενος προσέφη νεφεληγερέτα Ζεὺς·
 »δαιμονίη, αἰεὶ μὲν ὀίεαι οὐδέ σε λήθω,
 πρῆξαι δ' ἔμπης οὔ τι δυνήσεαι, ἀλλ' ἀπὸ θυμοῦ
 μᾶλλον ἐμοὶ ἔσσει, τὸ δέ τοι καὶ ῥίγιον ἔσται.
 εἰ δ' οὔτω τοῦτ' ἐστίν, ἐμοὶ μέλλει φίλον εἶναι.
 ἀλλ' ἀκέουσα κάθησο, ἐμῶ δ' ἐπιπέιθεο μῦθω·
 μή νύ τοι οὐ χραίσμωσιν ὅσοι θεοὶ εἰσ' ἐν Ὀλύμπῳ,
 ἄσπον ἰόνθ', ὅτε κέν τοι ἀέπτους χεῖρας ἐφείω.«
 ὧς ἔφατ', ἔδεισεν δὲ βοώπις πότνια Ἥρη,
 καὶ ῥ' ἀκέουσα καθῆστο, ἐπιγνάμψασα φίλον κῆρ,
 ὥχθησαν δ' ἀνά δῶμα Διὸς θεοὶ οὐρανίωνες.
 τοῖσιν δ' Ἥφαιστος κλυτοτέχνης ἦρχ' ἀγορεύειν,
 μητρὶ φίλῃ ἐπὶ ἦρα φέρων λευκωλένῳ Ἥρη·
 »ἦ δὴ λοίγια ἔργα τάδ' ἔσσειται οὐδ' ἔτ' ἀνεκτά,
 εἰ δὴ σφῶ ἔνεκα θνητῶν ἐριδαίνετον ὦδε,
 ἐν δὲ θεοῖσι κολῶδὸν ἐλαύνετον, οὐδέ τι δαιτὸς
 ἐσθλῆς ἔσσειται ἦδος, ἐπεὶ τὰ χερεῖονα νικᾷ.
 μητρὶ δ' ἐγὼ παράφημι καὶ αὐτῇ περ νοεούσῃ
 πατρὶ φίλῳ ἐπὶ ἦρα φέρειν Δί, ὄφρα μὴ αὐτε
 νεικείησι πατῆρ, σὺν δ' ἡμῖν δαῖτα ταραάζει.
 εἰ περ γάρ κ' ἐθέλησιν Ὀλύμπιος ἀστεροπητῆς
 ἐξ ἐδέων στυφελίξαι· ὃ γὰρ πολὺ φέρτατός ἐστιν·
 ἀλλὰ σὺ τὸν γε ἔπεσσι καθάπτεσθαι μαλακοῖσιν·
 αὐτίκ' ἔπειθ' ἴληος Ὀλύμπιος ἔσσειται ἡμῖν.«
 ὧς ἄρ' ἔφη, καὶ ἀναΐξας δέπας ἀμφικύπελλον
 μητρὶ φίλῃ ἐν χειρὶ τίθει καὶ μιν προσέειπεν·
 »τέτλαθι, μῆτερ ἐμή, καὶ ἀνάσχεο, κηδομένη περ,
 μή σε φίλῃν περ εὐῶσαν ἐν ὀφθαλμοῖσι ἴδωμαι

Diz-lhe depois olho de boi Hera Senhora:
“Que sermão vocíferas, ó bravio Cronida!
Em tua presença há muito estou, não peço ou forço,
Porque só pensas nas coisas que te interessam,
Temo que os sensos ora não te vá roubar
Tétis de pés de prata, e filha do ancião
Do mar, que ao lado se te assenta e pega os joelhos.
Creio um sinal lhe deste: como honrar Aquiles,
E aniquilar muitos Aqueus ao pé das naus”.


E em troco respondeu-lhe o Junta-Nuvens Zeus:
“Demônio, tu ousas sempre, de ti não me escapo.
Mas nada mais podes fazer do que afastar-te
De meu ser, e bem pior, enfim, te será isso.
Se as coisas são assim, melhor é favoreças-me.
Senta tu em paz, e então atenta à minha fala.
Os deuses que há no Olimpo não te servirão,
Se antes eu chego e as mãos eu te puser invictas”.

Falou, tremeu Hera senhora de olhos táureos.
E a reprimir o caro peito sentou muda.
No lar de Zeus, porém, grunhiram os Urânidas.
Aos quais Hefesto artífice pôs-se a falar,
Louvando a cara mãe, Hera de brancos braços:
“Obras da peste serão tais, e, aliás, abjetas,
Se aqui por causa dos mortais ambos brigais.
Clamor levais aos imortais, nem festa nobre
A nós não trará gosto, caso vença o pior
À minha mãe, mesmo que o saiba, eu aconselho
A Zeus procure, o caro Pai, caso contrário,
O festim nosso ele derruba, se irritado.
Caso quiser o Olímpio que comanda o raio
Apear-nos do poder, mais forte ele é que todos.
Mas busque tu rendê-lo com ternas palavras
Que assim e para nós o Olímpio será suave”,
Falou, e ao elevar a taça de ambas alças,
A pôs na mão da mãe, e assim se pronunciou:
“Ousa, mãe minha, e persevera, ainda ferida,
Que estes olhos não te vejam, cara embora,

θεινομένην, τότε δ' οὐ τι δυνήσομαι, ἀχνύμενός περ,
χραιομεῖν· ἀργαλέος γὰρ Ὀλύμπιος ἀντιφέρεσθαι.
ἤδη γάρ με καὶ ἄλλοτ' ἀλεξέμεναι μεμαῶτα
ῥῖψε ποδὸς τεταγῶν ἀπὸ βηλοῦ θεσπεσίοιο.
πᾶν δ' ἤμαρ φερόμην, ἅμα δ' ἠελίῳ καταδύντι
κάππεσον ἐν Λήμνῳ, ὀλίγος δ' ἔτι θυμὸς ἐνῆεν.
ἐνθα με Σίντιες ἄνδρες ἄφαρ κομίσαντο πεσόντα.»

ὣς φάτο, μείδησεν δὲ θεὰ λευκώλενος Ἥρη,
μειδήσασα δὲ παιδὸς ἐδέξατο χειρὶ κύπελλον.
αὐτὰρ ὃ τοῖσ' ἄλλοισι θεοῖσ' ἐνδέξια πᾶσιν
οἰνοχόει, γλυκὺ νέκταρ ἀπὸ κρητῆρος ἀφύσσω.
ἄσβεστος δ' ἄρ' ἐνῶρτο γέλος μακάρεσσι θεοῖσιν,
ὥς ἴδον Ἥφαιστον διὰ δώματα ποιπνύοντα.

ὣς τότε μὲν πρόπαν ἤμαρ ἐς ἠέλιον καταδύντα
δαίνυντ', οὐδέ τι θυμὸς ἐδεύετο δαιτὸς εἴσης,
οὐ μὲν φόρμιγγος περικαλλέος, ἦν ἔχ' Ἀπόλλων,
Μουσῶν θ', αἰ ἄειδον ἀμειβόμεναι ὀπί καλῆ.
αὐτὰρ ἐπεὶ κατέδυ λαμπρὸν φάος ἠελίοιο,
οἱ μὲν κακκείοντες ἔβαν οἰκόνδε ἕκαστος,
ἦχι ἐκάστῳ δῶμα περικλυτὸς ἀμφιγυήεις
Ἥφαιστος ποίησε ἰδυίησι πραπίδεςσιν·
Ζεὺς δὲ πρὸς ὃν λέχος ἦι Ὀλύμπιος ἀστεροπητῆς,
ἐνθα πάρος κοιμᾶθ', ὅτε μιν γλυκὺς ὕπνος ἰκάνοι·
ἐνθα καθεῦδ' ἀναβάς, πάρα δὲ χρυσόθρονος Ἥρη.



Assim dele ferida, e em mágoa não poder-te
Eu ser mais útil, triste é convencer o Olímpio.
Pois de outra feita a mim, tentando repulsá-lo
Longe do umbral do céu jogou-me pelos pés.
Errei o dia inteiro, e com o sol cadente
Em Lemnos tombei, pouco ar então sobrava-me;
E mal caído, os Síntios então me trataram”.
Assim disse ele, e Hera de alvos braços ri-se,
E rindo a taça da mão filial pegou
E a todos outros deuses, pois, então sua destra
O néctar serviu doce da cratera escoante,
E entre os sublimes deuses brota um riso súbito,
No paço ao verem-no mancar, ao deus Hefesto.
E o dia inteiro comem até pôr-se o sol
E o peito não sentiu algo faltasse à mesa,
Nem cítara formosa, a que Apolo regia,
Nem Musas a entoar respostas da voz bela.
Depois que, enfim, tombou a luz clara do sol,
Já sonilúndios cada um vai para o lar,
Que em cada parte o destro e glorioso Hefesto
Arquitetara bem com suas soluções lúcidas.
Foi para a cama Zeus, o clareador Olímpico,
E ali repousa até que o sono doce vier.
E ali dormiu em cima, Hera auritrônia ao lado.